



UnB

Instituto
de Artes

Departamento
de Design

Luã Leão Fernandes

ATLAS DE TERTÚLIAS

ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM INFORMAL

NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Brasília

2018



UnB

Instituto
de Artes

Departamento
de Design

Luã Leão Fernandes

ATLAS DE TERTÚLIAS

**ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM INFORMAL
NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Relatório apresentado ao Departamento de Design da Universidade de Brasília como trabalho realizado para obtenção do título de graduação sob orientação do Prof. Dr. Rogério José Câmara.

Brasília

2018

Luã Leão Fernandes

ATLAS DE TERTÚLIAS

ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM INFORMAL
NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Relatório apresentado ao Departamento de Design da
Universidade de Brasília como parte das exigências para
obtenção do título de bacharel em Desenho Industrial.

Brasília, 18 de junho de 2018.

Banca examinadora

prof^a. dr^a. Fátima Aparecida dos Santos

prof^a. dr^a. Célia Kinuko Matsunaga Higawa

RESUMO

Relata-se neste documento o desenvolvimento do *fanzine* Atlas de tertúlias, que trata de espaços de aprendizagem informal no campus da Universidade de Brasília. Parte-se de uma perspectiva do autor quanto a sua formação acadêmica em Design e de seus questionamentos acerca de educação e os espaços dedicados a essa função. Esta narrativa pessoal resulta no projeto editorial de uma pequena revista de distribuição livre que enseja a reflexão sobre esses espaços destinados à aprendizagem e sociabilidade e sobre os modelos educacionais hegemônicos na sociedade atual.

III

Palavras-chave: cartografia, aprendizagem, *fanzine*, design gráfico.

ABSTRACT

This report documents the process involved in the designing of the Atlas de tertúlias (Gatherings Atlas, in a free translation), a fanzine that deals with the subject of spaces for informal learning in the campus of the University of Brasília. The starting point of this project is the author's perspective of his own academic education during his undergraduate years and his inquiries about learning and spaces devoted to this function. This personal narrative results in the editorial project of a small magazine intended for free distribution that aims to reflect upon these spaces intended both for learning and sociability as well as hegemonic educational models of today's society.

iv

Keywords: cartography, learning, *fanzine*, graphic design.

LISTA DE FIGURAS

fig. 1 Atributos para um lugar ótimo	16
fig. 2 Construção da mancha gráfica e entrelinhas	30
fig. 3 Construção da grelha modular	31
fig. 4 Mashine Rounded Bold	32
fig. 5 Mashine Rounded Regular	32
fig. 6 TheSans Extrabold	32
fig. 7 TheSans Regular	32
fig. 8 TheSerif Bold Italic	32
fig. 9 Enemy	32
fig. 10 Triplex Italic Bold	32
fig. 11 Dimensions 100R	33
fig. 12 Dimensions 200R	33
fig. 13 Dimensions 300R	33
fig. 14 Dimensions 400R	33
fig. 15 Dimensions 500R	33
fig. 16 Dimensions 600R	33
fig. 17 Dimensions 700R	33
fig. 18 Ícones de equipamentos urbanos	34
fig. 19 <i>Box</i> tipo para relatos das entrevistas virtuais	35
fig. 22 <i>Box</i> tipo para marcações de lembranças e aprendizados dos questionários	35
fig. 20 <i>Box</i> tipo para minha narrativa pessoal	35
fig. 23 <i>Box</i> tipo para marcações de desejos dos questionários	35
fig. 21 <i>Box</i> tipo para listas	35
fig. 24 Tela de serigrafia da contracapa gravada	37
fig. 25 Impressão da capa em serigrafia	37
fig. 26 Várias lâminas da capa impressas	38
fig. 27 Revista pronta, aberta	38
fig. 28 Revista pronta, fechada	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. CONTEXTO	
1.2 OBJETIVOS	
1.3 MÉTODO	
2. REVISÃO TEÓRICA	7
2.1 DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
2.2 GEORGES PEREC, ESPÈCES D'ESPACES	
2.3 'PATAFÍSICA	
2.4 ICONOCLASISTAS E O MAPEAMENTO COLETIVO	
3. DESENVOLVIMENTO	16
3.1 PRÉ DOCUMENTAÇÃO	
3.2 AMOSTRA	
3.3 ENTREVISTAS COM USUÁRIOS	
3.4 RESULTADOS PRELIMINARES	
3.5 ENTREVISTAS VIRTUAIS	
3.6 CARTOGRAFIA AFETIVA INDIVIDUAL	
3.7 EDIÇÃO	
4. PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL	28
4.1 FORMATO E GRELHA	
4.2 TIPOGRAFIA	
4.3 PADRÕES GRÁFICOS	
4.4 DIAGRAMAÇÃO	
4.5 PRODUÇÃO GRÁFICA	
6. CONCLUSÃO E DESDOBRAMENTOS FUTUROS	39
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICES	A, B, C, D, E, F, G

1. INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTO

1

Em 1971, Victor Papanek apresenta ao mundo sua obra seminal, *Design for the Real World*, como um grito de apelo convocando os designers ao redor do mundo a reconhecerem sua responsabilidade social enquanto profissionais. O mundo começava a abrir os olhos para a crise ambiental que se evidenciava cada dia mais. Os grandes axiomas que constituíam a sociedade moderna agora mostravam claros sinais de esgotamento.

Não por acaso, a década anterior havia “parido” os mais conhecidos movimentos de contracultura que o globo já viu. Em comum, todos carregavam duras críticas aos diversos aspectos constituintes do modo de vida capitalista: consumo desenfreado, produção em massa inconsequente, indústrias danosas ao meio ambiente, espetacularização da vida em sociedade. Eles eram jovens que não queriam nada menos que uma nova revolução, desta vez mais radical que qualquer outra anterior, e com um alcance nunca experimentado: global.

Em determinadas cidades do mundo, a sociedade conseguiu chegar à beira do ponto de virada: Paris se viu tomada por um estado de guerra civil em 1968 quando os estudantes da Sorbônia, ao se juntarem com os operários que clamavam por mais direitos trabalhistas, conseguiram parar o país durante dois meses. A revolução, contudo, não foi levada a cabo: ao final desse período de muita tensão e choque com as forças policiais, os estudantes e operários cederam e as ambições destes inconformados foram novamente silenciadas.

Deste lado do Atlântico, em 1962, Darcy Ribeiro, eminente antropólogo brasileiro, funda a Universidade de Brasília, sua querida “filha”, na intenção de criar uma “universidade-semente”, ao contrário das outras que até então haviam sido fundadas ao redor do mundo, todas “universidades-fruto”. Era

um projeto pioneiro, com vocação para a utopia, para onde veio trabalhar e lecionar um grande número de importantes intelectuais brasileiros da época. Porém, mal alçou voo, a UnB foi tomada de assalto pela intervenção reacionária que dominou o Brasil.

O golpe militar interrompeu subitamente o projeto de desenvolvimento nacional que caminhava a passos largos. Parecia cessar ali o futuro da “terra do amanhã”. Muitos políticos e intelectuais foram perseguidos e exilados do país, em virtude de suas ideias consideradas subversivas para os militares que tomaram o poder. Para estes, eram todos comunistas e representavam aquilo que havia de pior para o progresso da nação.

Enquanto isso, ao norte do globo, o filósofo austríaco Ivan Illich publica *Sociedade sem escolas*, uma das críticas mais ferrenhas à institucionalização das escolas já vista. Em claro diálogo com as teses defendidas por Paulo Freire, pedagogo brasileiro perseguido pelo regime militar, ele denuncia a instituição escolar como a maior formatadora industrial de pessoas que o Homem já produziu. Para ele, a escola é a matriz em que se espelham todos os sistemas manipuladores que ameaçam a emergência de uma sociedade “convivial”, adequada para a plena realização individual e coletiva da humanidade. Na vizinha França, em 1975, Michel Foucault publica *Vigiar e punir*, obra seminal que se dedica a um estudo histórico do surgimento do modelo carcerário moderno e de como seus mecanismos de vigilância e punição estão presentes não somente nas prisões, mas em outras instituições controladas pelo Estado, inclusive (e sobretudo) nas escolas.

Esses e outros pensadores trouxeram à luz reflexões que indicavam a urgência de se pavimentar um futuro norteado por valores mais humanistas. A história, contudo, nos mostra que esta via não foi a escolhida pelos humanos, e pior: talvez tenhamos nos aprofundado ainda mais nos mesmos problemas que essas pessoas de visão denunciavam. A distribuição de riquezas nunca foi tão desigual como atualmente. O planeta terra nos apresenta, enfim, os indícios do derradeiro colapso por vir. Temos enfrentado uma série de crises que ecoam mundialmente, arrasando sociedades assim como se derruba um castelo de cartas.

Não existe declaradamente uma III Guerra Mundial em curso, mas as na-

ções nunca estiveram tão armadas quanto hoje, e tampouco nunca se viram tantas guerras civis ou internacionais. O poder midiático se mostra incrivelmente mais forte que nunca, enganando e manipulando todos que caem em suas rasas falácias. E a internet, que surgiu no final dos anos 80 como a maior esperança para a troca cultural e intelectual entre pessoas de todo o mundo, dá sinais de que também dificilmente, ao menos na superfície, escapa da totalizante mó capitalista.

3

Apesar da sensação geral de desesperança, ao redor do mundo surgem cada vez mais espaços que desafiam e, inclusive, negam esta maneira de vida que apenas nos levam aceleradamente a uma morte precoce e infeliz. São espaços que emergem dos interstícios dessa malha que, pela primeira vez na história, conseguiu mapear todos os rincões de nosso planeta: não há mais *terra incognita*. Algumas vezes são espaços projetados, porém é mais comum que surjam espontaneamente: manifestam-se sob a forma de uma cidade inteira no meio do deserto ou uma performance numa praça que desencadeia uma série de questionamentos e diálogos entre os transeuntes desavisados; são passeios orientados por um guia ou um encontro casual à mesa de um bar. E, com a mesma velocidade que surgem, eles desaparecem. São as Zonas Autônomas Temporárias (ou TAZ, no acrônimo em inglês), como enunciado por Hakim Bey¹. Os ecos desses acontecimentos se alastram e se disseminam como um vírus, possibilitando o surgimento de cada vez mais novas possibilidades espaciais e temporais.

Esses espaços subordinam as pessoas a outra lógica operacional, distinta da apatia monótona e repetitiva de nossos cotidianos banais. E elas também subordinam o espaço segundo seu engajamento nessa dada situação. É sabido que a maior parte do conhecimento e aprendizado das pessoas em geral não são adquiridos dentro da sala de aula, o lugar do ensino por convenção. Não parece exagero dizer que é nesses outros espaços que se extraem as mais marcantes lições que os humanos carregam por toda a sua vida. Pode-se também dizer que elas não cabem em um texto acadêmico, pois esse aprendizado transcende nossas limitadas experiências corpóreas indivi-

1 BEY, Hakim. TAZ: zona autônoma temporária. 2001.

duais. Por isso, o foco deste trabalho incide sobre esses espaços onde se dá o aprendizado informal, que jamais se enquadraria em uma sala de aula e em um modelo não dialógico de ensino.

Em um momento no qual cada vez mais se debate, em âmbito nacional, a privatização das instituições públicas, aí incluídas as de ensino superior, entende-se como imperativa a necessidade de se trazer uma reflexão sobre a importância desses espaços, inúteis a partir de uma perspectiva produtivista, mas valiosos para o enriquecimento de nossos valores sociais e espirituais.

4

1.2 OBJETIVOS

Objetivo geral

Desenvolver uma publicação impressa de baixo custo cujo tema são os espaços emergentes de formação da Universidade de Brasília.

Objetivos específicos

- Localizar e selecionar os espaços de formação emergentes da universidade;
- Identificar os usuários desses espaços a fim de registrar seus modos de uso, suas memórias e suas vivências nestes lugares;
- Realizar uma cartografia afetiva do campus e relacioná-la com os registros dos usuários;
- Instigar a reflexão e uma postura crítica e ativa das pessoas em relação aos espaços onde elas se encontram.

1.3 MÉTODO

De maneira geral, o processo de desenvolvimento deste projeto se divide em fundamentação teórica, pesquisa em campo, experimentação e produção gráfica. À exceção da etapa de produção, e devido à natureza experimental do projeto, o caminho metodológico percorrido se dá em círculos, de forma que eu pude, sempre que julgasse necessário, retornar a uma etapa passada para trazer à tona dados, informações ou observações latentes que pudessem ser úteis para o trabalho.

Delimitado o tema do projeto, as referências bibliográficas para fundamentar a pesquisa foram definidas junto aos orientadores de TCC1, Rogério Camara e Nayara Moreno. A estas eu recorri como forma de validação teórica ou mesmo de inspiração para prosseguir. Quanto ao recorte do trabalho, optei por escolher alguns lugares específicos da Universidade de Brasília, tendo em vista que estudar todos os lugares de possível interesse seria exaustivo. Os locais apontados e descritos ao longo do projeto são:

5

- o Ceubinho e o Udefinho, epítetos dados às entradas sul e norte do Instituto Central de Ciências – o ICC;
- a praça da FAU, localizada na saída para a área externa do Centro Acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo;
- Restaurante Universitário, localizado acima do ICC e próximo aos prédios do Instituto de Artes, Faculdade de Tecnologia e do módulo comunitário onde se encontram o Café das Letras e a agência do Banco do Brasil;
- a Praça do CADIN, localizada no módulo 15, no subsolo do ICC;
- a Concha Acústica do Instituto de Artes, localizada atrás do Departamento de Artes Visuais e em frente ao prédio do Departamento de Artes Cênicas, e suas adjacências;
- o Teatro de Arena, adjacente à praça da FAU, entre o ICC e a Biblioteca Central;

A escolha dos lugares se deu de forma a atender os seguintes requisitos: serem lugares já amplamente frequentados pelos seus usuários em diversos horários —e não somente em intervalos entre uma aula e outra, por exemplo— e estarem localizados em pontos que fazem parte da minha rotina acadêmica. Evidentemente há diversos outros locais onde poderia se realizar este trabalho, mas defini-los segundo esses critérios foi indispensável para se fazer um recorte mais conciso e possível de ser trabalhado por uma só pessoa.

Por sugestão da professora Nayara Moreno, elaborei um questionário (cf. APÊNDICES) a ser realizado com os usuários dos espaços acima mencionados. Mesclando o modelo apresentado pelo *Project for Public Spaces*

com elementos da abordagem do mapeamento coletivo do Iconoclasistas, ele foi formulado ambicionando entender tanto a forma como as pessoas enxergam os espaços específicos onde realizamos o questionário e o campus universitário quanto a relação que elas criam com estes mesmos lugares, por meio de descrições e desenhos na cartografia individual.

Motivado por um trabalho de fotografia urbana realizado ao cursar a disciplina de Oficina de fotografia I, eu me pus a fotografar os lugares tratados neste projeto, a fim de registrar o cotidiano que ali se desenrola. Como julguei que minhas fotografias, isoladamente, não satisfaziam o projeto, solicitei a alguns colegas que me mandassem imagens da universidade para que pudesse contar com outros olhares.

Entrevistei alguns amigos egressos da UnB e solicitei que respondessem às seguintes perguntas: “Qual foi sua primeira impressão do espaço físico do campus? Como você se sentiu aqui? Se essa impressão mudou, como ela é hoje?”

Por fim, como julguei o material recolhido ainda deveras formal para se tratar em uma revista tipo *fanzine*, foi feito um balanço da minha trajetória acadêmica, a partir de minhas memórias, com foco nas experiências cotidianas dentro da UnB e nos trabalhos realizados fora da sala de aula que tiveram resultado positivo.

A partir daí, foi definida a identidade visual do projeto e o trabalho de editoração das informações reunidas se seguiu. Por fim, todas as etapas de produção gráfica foram acompanhadas de perto ou realizadas artesanalmente.

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1 DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA

7

espaço *s.m.* 1 extensão ideal, sem limites, que contém todas as extensões finitas e todos os corpos ou objetos inexistentes ou possíveis 2 extensão limitada em uma, duas ou três dimensões; distância, área ou volume determinados 3 a extensão que compreende o sistema solar, as galáxias, as estrelas; o Universo 4 região situada além da atmosfera terrestre, ou além do sistema solar 5 *fig.* âmbito, alcance indefinido 6 capacidade, acomodação 7 cabimento, oportunidade 8 período ou intervalo de tempo 9 demora, delonga 10 campo abrangido idealmente por determinada área dos conhecimentos e fazeres humanos [...] 13 MAT termo genérico que designa um conjunto com determinadas operações

lugar *s.m.* 1 parte determinada de um espaço; local, sítio, região 2 local onde se está ou se deveria estar; posto, posição, ponto 3 posição, posto considerado apropriado para alguém ou como lhe sendo devido 4 local frequentado por certa classe de pessoas; roda, ambiente 5 espaço livre 6 disposição ou posição das coisas nos espaços que lhes são reservados 7 posição relativa numa série, numa escala 8 assento ou espaço que uma pessoa pode ocupar como passageiro, espectador etc. 9 direção, sentido, rumo 10 trecho, passagem num texto ou numa partitura 11 *fig.* papel, importância que tem uma coisa ou pessoa para alguém 12 *fig.* condição, situação, posição 13 *fig.* função exercida por uma pessoa; cargo, emprego, colocação 14 *fig.* momento adequado, oportuno; hora, ocasião

território *s.m.* 1 grande extensão de terra 2 área de município, distrito, estado, país etc. 3 área de uma jurisdição 4 a própria jurisdição

2.2 GEORGES PEREC, ESPÈCES D'ESPACES

Neste ensaio, Perek nos convida a enxergar com um novo olhar os espaços e o cotidiano que neles se desenrola, antes vistos como banais por nossos olhos anestesiados. Ele assume que nos parece evidente estarmos presentes nesses espaços —corredores, quartos, jardins, cidades, entre tantos outros—, pois sua materialidade nos permite tocá-los e percorrê-los. Mas uma reflexão mais demorada nos dá o poder de extrair de sua banalidade infinitas formas de relação com os espaços que nos circundam, dos mais íntimos aos mais impessoais. Contudo, não só o espaço ao redor, mas o espaço interior também se beneficia dessa reflexão, que passa a tratar de nossa própria vida, pois, segundo Perek, “viver é passar de um espaço a outro, tentando ao máximo não colidir.”²

O primeiro espaço que ele explora é a página, pois, para ele, esta define a síntese de como começa o espaço: “somente com palavras, sinais tracejados sobre a página branca”. Essa marcação na folha trata de nossa própria escrita da história, tanto individual como coletiva, informal ou institucional. Ele observa que poucos acontecimentos não deixam ao menos uma marca escrita no papel. Se o registro descrito na página é o “espaço inventário”, do outro lado da moeda há o seu duplo, “espaço inventado”, matriz de criação e imaginação. Para Perek não é sequer necessário fechar os olhos para que este “simulacro de espaço”, suscitado pelas palavras, tome vida própria: ao ler a descrição que ele faz de Épinal, cidade do leste francês, o leitor pode facilmente imaginar a urbe pulsando através dos olhos do escritor.

Em seguida, Perek trata da cama, “espaço individual por excelência”. A cama é a mônada, unidade de espaço elementar do corpo. Ao nos contar sobre suas lembranças e seus sentimentos em relação a sua cama, somos capazes de nos lembrarmos, nós mesmos, de nossas camas, das histórias que se passaram sobre elas, das coisas que guardamos ao alcance da mão, coisas essenciais (ou talvez nem tanto) que compõem nossa trajetória junto a esse lugar tão íntimo.

Uma escala acima da cama, Perec dedica o capítulo seguinte ao quarto, espaço dedicado ao descanso e ao devaneio. Aqui ele manifesta mais claramente seu apreço quase compulsivo por categorizar as coisas: ele diz ser capaz de se lembrar de todos os quartos onde já dormiu e que pode classificá-los dentro de uma tipologia por ele inventada (refusando, assim, ordenamentos mais impessoais, como a ordem alfabética ou cronológica). O quarto é de particular interesse para Perec, pois é nele que acumulamos os resíduos de nossa história na forma de fotos, desenhos, cartas, roupas, livros e toda sorte de objetos e *memorabilia*. E na tentativa de se relembrar de todos os quartos em que já dormiu, ele mostra a falibilidade da memória.

Neste ponto, também, começam a surgir alguns dos questionamentos que atravessam todo o livro: “O que é habitar um quarto? Habitar um lugar é se apropriar dele? O que é se apropriar de um lugar? A partir de quando um lugar se torna realmente seu?” Ele nos dá uma possível resposta na forma de outra pergunta: “Quando, em um dado quarto, mudamos a cama de lugar, poderíamos dizer que mudamos de quarto ou o então o quê?”³ Com essa indagação perspicaz, Perec questiona a relatividade dos espaços ocupados por nós. Para que sejamos capazes de perceber o espaço, é preciso nos colocarmos em relação a ele. E qual maneira melhor seria essa se não quando atuamos ativamente no espaço?

Assim, o campo de pensamento do autor vai tomando proporções cada vez maiores. Inevitavelmente, ao sairmos dos espaços íntimos, começamos a esbarrar com as questões que dizem respeito à convivência com os outros. O apartamento (ou a casa, se preferir) e seu número variável, mas finito de cômodos, cada qual para uma função particular, pode ser definido pelos horários em que cada membro da família que ocupa o imóvel está usando o dito cômodo no momento.

As portas e as paredes são coisas caras ao pensamento desenvolvido neste ensaio, pois elas representam concretamente os conceitos de passagem e interrupção do movimento. As portas abrem as paredes, permitindo o fluxo de gente e, por que não, de informação de um lugar a outro. Já as paredes

encerram o espaço. A nossa própria ideia de espaço é em muito definida pela existência de paredes (e, também, de muros), pois, sem elas, não conheceríamos nenhum dos espaços protegidos do mundo externo. São, a bem da verdade, apenas “caixas”, paralelepípedos quadrados que recortam uma porção do espaço tridimensional. E, no entanto, nos esquecemos facilmente de sua existência quando penduramos um quadro numa parede (pois nosso foco passa a se direcionar para o quadro, não mais para o muro).

10

É sob o signo da rua, no entanto, que podemos ver a magia do cotidiano em sociedade em todo o seu esplendor. Se por um lado os imóveis pertencem quase sempre a alguém, as ruas, pelo contrário, não pertencem a ninguém. Elas são compartilhadas por todos aqueles que dela usufruem, ou seja, os transeuntes pedonais e os motorizados, dividindo-se em zonas específicas para cada — a calçada, a pista de rodagem, as cercas que contornam as árvores (no caso de uma cidade como Paris, onde não há muita área verde caminhável como Brasília). A rua também inspira Perec com uma infinidade de exercícios de observação das pequenas banalidades cotidianas:

Observar a rua, de tempos em tempos, talvez com uma preocupação um pouco sistemática. Aplicar-se. Tomar seu tempo.

Anotar o lugar: a varanda de um café perto do cruzamento Bac — Saint-Germain

a hora: sete horas da noite

a data: 15 de maio de 1973

o clima: tempo bom

Anotar o que se vê. O que acontece de notável. Sabemos ver o que é notável? Tem alguma coisa que nos inquieta? Nada nos inquieta. Nós não sabemos ver.⁴

Perec recomenda não tentar muito rapidamente encontrar uma definição para a cidade: ela é tão grande que corremos o risco de nos enganarmos. Não há palpite mais acertado para a nossa condição como cidadãos. A cidade é o ambiente da contradição por excelência, do caos ordenado, das diferenças marcadas de classes sociais, da cristalização de nossa história contra a

evolução progressiva da sociedade. Nosso tempo é marcado pela vida nas grandes cidades, pois é nelas que o fluxo de informações se dá mais intensamente. Aqui é tão grave a naturalização desse ambiente em seu âmago que ele nos confessa sem nenhum pudor: “o campo não existe, é uma ilusão”. Ele até chegou a estudar na escola a vida no campo e os camponeses, seus hábitos e seus modos de organização espacial. Mas sendo algo que ele não vive —e se nega a experienciar—, ele nega sua existência. A vida rural representa a utopia, o não-lugar. 11

Aos países, Perec devota um longo capítulo para tratar de um conceito que tem as reverberações mais profundas em nosso ser, já que muitos aspectos definidores de nossas vidas são incutidos em nós tão somente graças ao país onde nascemos.

Os países são separados uns dos outros pelas fronteiras. Cruzar uma fronteira é sempre algo um pouco emocionante: um limite imaginário, materializado em uma barreira de madeira que de todo modo nunca está realmente sobre a linha que ela deveria representar, mas algumas dezenas ou centenas de metros abaixo ou acima, é suficiente para mudar tudo, até mesmo a paisagem: o ar é o mesmo, a terra é a mesma, mas a rota não é de forma alguma a mesma, a grafia das placas de trânsito mudam, as padarias não se parecem em nada com o que chamaríamos, um instante atrás, padarias, os pães não tem mais a mesma forma, não são mais as mesmas carteiras de cigarro jogadas no chão...⁵

Quão estranho é que essas fronteiras, meras linhas imaginárias desenhadas sobre um diagrama que chamamos de mapa, tenham sido motivo de tantas guerras e mortes ao longo da história da humanidade? Isso nos revela um lado obscuro da natureza humana: a disputa constante por espaços. Que delírio coletivo é esse que nos levou ao campo de batalha, só para defender ou arrebatrar um pedaço de terra ou curso de água? Realmente, essa ideia parece demasiadamente contraditória quando se opõe à noção de país sua posição no mundo. O mundo, esfera gigante que flutua no espaço sideral,

sem cantos nem limites claros para quem observa daqui de baixo. Podemos apreender o mundo? Podemos conhecer todos os espaços do mundo? “Quantos centímetros quadrados do planeta Terra as solas de nossos pés terão tocado”? Apesar dessa imensidão inconcebível, o mundo, para Perec, traz o sentimento de sua concretude, uma noção de algo claro e próximo de nós, afastado das ideias de acumulação desesperadora ou da ilusão de conquista, mas sim em um sentido de reencontro com uma “escritura terrestre”, pois esquecemos frequentemente que somos nós os autores de uma *geografia*.

12

Partindo dos menores espaços que conhecemos aos maiores com os quais temos contato, Perec consegue apresentar, com relatos absolutamente íntimos, reflexões que aparentemente não têm fronteiras culturais. Da mesma maneira, ao falar de coisas imensuráveis para nós enquanto indivíduos, ele é capaz de nos falar de sentimentos e ideias inteiramente subjetivos e íntimos.

Os espaços aparentam ser mais domesticados (ou, ao menos, mais inofensivos) que o tempo. Perec percebe isso quando nota que há mais pessoas portando relógios de pulso que bússolas. Temos uma necessidade constante de procurar saber as horas, mas raramente nos perguntamos onde estamos. O ensaio de Perec, contudo, nos revela como somos vítimas de nosso próprio engano quando se trata de perceber, observar e sentir o espaço. Ele está a todo instante se metamorfoseando, se transformando, sempre em função do tempo, que o usa e o erode a cada instante. Acreditamos haver lugares imóveis, estáveis, que nos servem de referência para nossa própria vida. Mas esses lugares não existem. Nem mesmo a memória está imune ao esquecimento. E por essa mesma razão “o espaço é uma dúvida: a todo tempo eu preciso marcá-lo, designá-lo; ele nunca é meu, ele nunca me é dado, é preciso que eu o conquiste.”⁶ Perec vê na escrita a tentativa de salvação contra o olvido, de “tentar reter meticulosamente alguma coisa, fazê-la sobreviver: retirar alguns fragmentos precisos do vazio que se cava, deixa, em algum lugar, um sulco, um traço, uma marca ou alguns sinais.”

2.3 'PATAFÍSICA

A 'patafísica é a “ciência” das soluções imaginadas, “ciência” das soluções particulares, das exceções, inventada por Alfred Jarry, escritor francês do final do século XIX. Ao contrário da ciência real, que busca encontrar leis gerais a partir das teorias científicas, a 'patafísica privilegia as particularidades a partir de leis que governam as exceções e os acidentes. A 'patafísica foi um fenômeno iniciado na literatura que influenciou os movimentos das vanguardas europeias, como o dadaísmo e o surrealismo.

13

Empregando métodos experimentais no fazer artístico, a 'patafísica subvertia o academicismo presente na arte europeia de sua época. Com muita ludicidade, os patafísicos frequentemente fazem uso de limitações rígidas como forma de liberar a criatividade artística. Um exemplo é o livro “O sumiço”, de Georges Pèrec, ele mesmo um patafísico, que foi inteiramente escrito sem a letra “e” (letra mais frequente na língua francesa) e cujo desaparecimento faz parte da própria trama.

Ao contrário da ciência e sua busca *objetiva* por resultados, a filosofia patafísica tem um apreço profundo pelo *processo* em detrimento daqueles. Afinal, os resultados podem ser inúmeros, pois, ao definir e limitar os processos, é possível explorar a multiplicidade potencial dos resultados. “A estrutura é liberdade, produz o texto e ao mesmo tempo a possibilidade de todos os textos virtuais que podem substituí-lo”. Assim, a 'patafísica é a ciência que explora as possibilidades, e isso significa que seu interesse abrange todo o universo de particularidades existentes, sobretudo as coisas inúteis.

A 'patafísica surge, então, como uma resposta crítica e criativa aos valores modernos de eficiência e progresso vigentes na sociedade. Por meio de contradições, os patafísicos expõem os absurdos da vida moderna, que acabam muitas vezes por tolher as nossas potencialidades imaginativas. A 'patafísica, no entanto, não é uma antítese da ciência, na medida em que seu oposto seria a poesia, mas uma síntese dos dois, um movimento que extrapole e transcenda ambos. “O que está em questão é o status

da poesia em um mundo da ciência. Como pode a poesia reivindicar sua própria verdade viável? Como a ciência pode se beneficiar de sua própria ironia poética?”⁸

2.4 ICONOCLASISTAS E O MAPEAMENTO COLETIVO

Os Iconoclastas são uma dupla de designers gráficos que elaboram projetos críticos combinando design, mapeamento criativo e investigação coletiva. Eles distribuem tanto seus resultados como suas ferramentas sob uma licença creative commons, de forma a difundir o mais ampla e livremente possível suas produções. Seu *Manual de mapeamento coletivo*⁹ é um compilado de técnicas desenvolvidas ao longo de oito anos de trabalhos e oficinas itinerantes realizados, em sua maioria, na América Latina. 14

Mapas são representações gráficas de territórios físicos onde se podem visualizar, de uma só vez, informações diversas. Mapas físicos podem indicar características do relevo de uma região, seus tipos de clima, seus rios, suas bacias hidrográficas e sua vegetação, por exemplo. Já os mapas humanos podem indicar as fronteiras entre países, estados e cidades, atividades econômicas em determinada região, abrangência linguística de uma área dada, fluxos migratórios entre países etc. Sendo todas as informações humanas passíveis de se colocarem em função do espaço, pode-se concluir que “mapas são representações ideológicas”. Por isso, mapas dito oficiais, veiculados mais amplamente pelos meios de comunicação, comumente endossam e reproduzem o pensamento e as crenças hegemônicas.

Desta maneira, a dupla se utiliza do mapeamento como método para se analisar, refletir e propor soluções para questões sociais e subjetivas. Eles acreditam que o processo de mapeamento não é um fim em si mesmo, mas uma ferramenta para se pensar coletivamente soluções práticas para os problemas que dizem respeito aos territórios que habitamos.

8 Bök, Christian. 'Pataphysics: The poetics of an imaginary science. Northwestern University Press, 1997.

9 ARES, Pablo; RISLER, Julia. Manual de mapeo colectivo. Tinta Limón, 2013.

“O mapeamento coletivo é um processo de criação que subverte o lugar de enunciação a fim de desafiar as narrativas dominantes sobre os territórios.”¹⁰ Tomando por base as representações cartográficas hegemônicas, eles reúnem grupos de pessoas que colaboram entre si para identificar situações de conflito e desenhar possíveis maneiras de se resolver esses problemas.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 PRÉ DOCUMENTAÇÃO

16

Como ponto de partida, munido de um mapa do campus, identifiquei os espaços que seriam abordados no projeto. Somente no ICC há entre duas e três dezenas de Centros Acadêmicos e incontáveis pracinhas formadas espontaneamente pelos estudantes ao longo do prédio, todos possíveis lugares de interesse para a pesquisa. Por isso, reduzi esse número para uma quantidade manejável e com a qual eu tenho familiaridade.

Desta maneira, o primeiro requisito para incluir um determinado espaço no projeto é que ele faça parte do meu trajeto cotidiano e seja por mim frequentado. O espaço deveria promover claramente a interação das pessoas presentes, e, para isso, atender aos requisitos de um bom espaço público, como definido pela abordagem do professor Whyte, apresentada no gráfico abaixo.

SOCIABILIDADE			USOS E ATIVIDADES		
diversidade	orgulho	número de mulheres,	divertido	útil	propriedade de
intendente	amigável	crianças e idosos	ativo	vernacular	empresas locais
cooperativo	interativo	redes sociais	vital	celebratório	padrões de uso da terra
vizinhança	acolhedor	voluntarismo	especial	sustentável	valores de propriedade
		uso à noite	real		níveis de aluguel
		vida na rua			vendas no varejo

ACESSOS E LIGAÇÕES			CONFORTO E IMAGEM		
contunuidade	caminhável	dados de trânsito	seguro	espiritual	estatísticas criminais
proximidade	conveniente	uso de modais	limpo	encantador	classificação de saneamento
integrado	acessível	uso do trânsito	verde	atrativo	condições dos edifícios
legível		atividade pedestre	caminhável	histórico	dados ambientais
		padrões de uso	sentável		
		de estacionamento			

fig. 1 Atributos para um lugar ótimo

ATRIBUTOS CHAVE

aspectos intangíveis

mensuramentos

Descartei, também, alguns lugares que, embora tendessem a reunir várias pessoas a um só momento, sua permanência nestes lugares era curta, como as praças de alimentação ou pontos localizados muito próximo às entradas principais dos edifícios da universidade.

Finalmente, a seleção de espaços foi reduzida a sete lugares e passei a fotografar com periodicidade irregular alguns dos percursos realizados por mim rotineiramente no campus. As fotografias foram feitas com o intuito de documentar o uso destes espaços em horários diversos. Para isso, eu normalmente já chegava ao local com a câmera em mãos, fotografando despretensiosamente o ambiente, evitando chamar muita atenção para mim. Por vezes, eu parava em algum canto, no meio das pessoas ou afastado, e começava a fotografar continuamente até que quaisquer pessoas que tenham notado minha presença passem a me ignorar ou deixar o local. Esses registros fotográficos foram realizados ao longo de todo o trabalho e essas imagens serviram para informar o projeto gráfico do produto, o qual será discutido mais tarde.

17

Em seguida, foi elaborado um questionário, que pode ser conferido na seção ANEXOS deste relatório, com o intuito de conhecer os usuários destes espaços e compreender melhor sua relação com eles, quais aspectos destes os motivavam a criarem vínculos afetivos e quais aprendizados estes espaços lhes proporcionaram. Juntamente a essa investigação, foi elaborada com cada entrevistado uma cartografia individual própria, indicando em um mapa do campus, seus percursos rotineiros, seus lugares de permanência e quais lugares lhes traziam boas memórias, aprendizados significativos e melhorias que eles gostariam que fossem realizadas em todo o perímetro apresentado. Para cada ponto desses, tirando o itinerário regular, foi sugerida a marcação de três a cinco lugares. A título de descontração e quebra de expectativa, foi proposta também a inclusão de algum mito ou lenda urbana no mapa.

3.2 AMOSTRA

A amostragem não visava procurar por um perfil específico de usuários destes espaços de aprendizagem informal. Bastava que eles frequentassem os locais onde eram entrevistados, o que era indagado antes de se realizar o

questionário. Desta maneira, foi possível entrevistar um público heterogêneo, apesar de haver alguns padrões em seus perfis, a notar: em sua maioria eram estudantes da UnB e na faixa dos 20 a 27 anos. As entrevistas realizadas no Centro Acadêmico de Design contaram, em sua maioria, com calouros, entre o primeiro e o segundo semestres.

3.3 ENTREVISTAS COM USUÁRIOS

O questionário e a cartografia foram concebidos mesclando-se dois métodos distintos de pesquisa sobre o espaço: o modelo apresentado por William Whyte para analisar espaços públicos e o mapeamento coletivo distribuído pelos Iconoclastas. Em uma folha de papel, de um lado e ao topo consta um recenseamento simples sobre idade, gênero, escolaridade, curso e semestre atual e onde estuda e/ou trabalha.

A entrevista, anônima, começa com a apresentação a um usuário presente, no próprio local de interesse, de um resumo do meu projeto e o tema da pesquisa, seguidos de uma breve conversa sobre aprendizados diversos, tanto dentro como fora do âmbito da sala de aula. As questões presentes na folha se referem ao local onde as duas partes se encontram, portanto. Após essa fase inicial de apresentação, a pessoa começa a responder a seção “aspectos objetivos” do questionário, que visa aferir o entendimento da pessoa sobre o espaço referido e sua funcionalidade, além de avaliar os atributos-chaves que tornam tal espaço público um bom espaço. Essa seção foi uma tentativa de mensurar qualitativamente os atributos como sugerido pelo modelo do *Project for Public Spaces*, de Whyte.

A seção “aspectos subjetivos” apresenta outra abordagem para as perguntas, dando ao entrevistado mais liberdade para responder com suas próprias palavras questões referentes a sua relação com o espaço físico onde nos encontrávamos durante a entrevista. A apresentação gráfica do questionário foi concebida de forma a dar a ideia de pesquisa científica, com sua estrutura rígida —marcada por linhas e campos claramente delimitados para as respostas— e coerência visual forte. Esse fator entra em contradição com o inquérito de cunho mais íntimo dos aspectos subjetivos analisados, revelando silenciosamente o caráter ‘patafísico do projeto.

No verso da folha do questionário, o foco deixa de ser o local específico em que nos encontramos, e passa a ser toda a área do campus. Há um mapa mostrando as cercanias do Instituto Central de Ciências, e, por uma questão de economia do espaço da folha em branco, foram excluídos alguns pontos mais afastados, como o Centro Olímpico, a Colina e os prédios mais novos, mais a nordeste do campus. Todos os espaços por mim selecionados, no entanto, estão presentes nesse mapa e, como pode-se verificar mais à frente, nos resultados, o espaço disponível das folhas foi amplamente utilizado pelos entrevistados.

19

Como dito anteriormente, foi sugerido aos entrevistados que marcassem no mapa seus itinerários cotidianos aproximados, seus locais mais frequentados, uma lenda urbana e nove a quinze locais distribuídos em três categorias-chaves. De forma a conseguir ler e interpretar posteriormente as informações transcritas, pedilhes que usassem canetinhas de cores específicas a fim de identificar as marcações no mapa: cores quentes (vermelho, rosa ou laranja) para boas lembranças, cores frias (azul, lilás) para aprendizados importantes e verde para os desejos de melhorias no espaço. As lendas urbanas sempre usam uma cor distinta das outras três.

Este método utilizando um código cromático para a cartografia foi escolhido após realizar os cinco primeiros questionários sem um pequeno conjunto de regras claras. Essa ausência de direcionamento dava, de fato, mais liberdade para se desenhar nos mapas, mas o foco da pesquisa se perdia facilmente e as respostas obtidas não estavam satisfatórias. Notei, também, que após estabelecer essas diretrizes, os entrevistados tendiam a escrever no mapa ao invés de desenhar. Essas respostas, no entanto, foram bem diversas e satisfatórias, pois assim os usuários acabavam por se questionar mais atenciosamente sobre a relação deles com os espaços da universidade.

Cada entrevista levava, em média, 25 a 50 minutos para ser inteiramente realizada. Em alguns casos foi possível diluir esse tempo realizando a entrevista em grupos de duas a quatro pessoas, em que a conversa acerca do projeto se dava entre todo o grupo. Este modelo se provou ainda mais proveitoso, pois a conversa tomava um tom ainda mais informal, o que desinibia os entrevistados quanto às perguntas que surgiam e quanto às respostas que eles poderiam escrever em suas folhas, além de engajar um debate mais demorado entre eles acerca dos espaços de aprendizagem informal. Ao final, foram entrevistadas 30 pessoas.

3.4 RESULTADOS PRELIMINARES

Como previsto, as respostas e as cartografias são as mais diversas possíveis. Alguns padrões, contudo, podem ser observados. Os desejos desenhados nos mapas por vezes eram criativos e inusitados (como a vontade de plantar “jardins elaborados” pelo campus, ou a criação de uma agrofloresta para a produção de comida do restaurante universitário), mas normalmente diziam respeito a melhorias básicas na infraestrutura do campus, notadamente: mais iluminação nos caminhos para pedestres, mais bebedouros disponíveis no ICC e a construção dos prédios destinados aos cursos dos entrevistados (sobretudo aquele prometido ao Departamento de Design).

20

As memórias registradas, por se tratarem de experiências absolutamente subjetivas e individuais, são as que mais divergem entre as várias cartografias. No entanto, é recorrente que tratem de relações afetivas com amigos ou interesses amorosos e que remetam às primeiras experiências dos entrevistados com algo, como o primeiro dia de aula e o primeiro contato com os colegas de curso.

Por fim, todos os aprendizados descritos tratavam, sem exceção, de assuntos que não tinham relação com conteúdo aprendido em sala de aula. De um modo geral, os entrevistados declararam ter aprendido habilidades intelectuais, manuais e relacionais diversas. Eles falam de organização pessoal, socialização e trato interpessoal com professores ou colegas estudantes, empreendedorismo, assuntos comerciais e até tópicos existenciais —uma pessoa diz ter descoberto seu “novo eu” em um dos espaços da entrevista.

A diversidade de respostas foi satisfatória para a pesquisa e a quantidade serviria de matéria-prima farta para o projeto. Contudo, apesar de todas as conversas e histórias distintas que ouvi, sentia ainda um distanciamento incômodo com os resultados obtidos até aqui. Nessa etapa, também, não conseguia vislumbrar como poderia abordar o tema da pesquisa com um projeto de design utilizando somente os resultados das entrevistas. As respostas, apesar de apresentarem padrões claros como os descritos acima, não se mostravam traduzíveis para uma linguagem gráfica.

Nessa etapa já estava definido que uma publicação na forma de revista seria o produto final, mas o direcionamento a ser tomado estava ainda incerto e inconclusivo.

3.5 ENTREVISTAS VIRTUAIS

Como forma de ter uma visão mais ampla das percepções sobre o espaço de meus colegas, convidei sete amigos egressos da UnB ou em processo de término da graduação. Pedi-lhes que respondessem às seguintes perguntas: Qual foi sua primeira impressão do espaço do campus? Como você se sentiu aqui? Se essa impressão mudou, como ela é hoje? As respostas obtidas são apresentadas abaixo, identificando cada entrevistado por uma letra, de forma a preservar sua identidade.

21

a

Minha primeira impressão do campus da UnB foi uma mistura de empolgação pelo começo de uma fase completamente diferente (e muito esperada) da minha vida com certa ansiedade por aquilo que estava por vir. Tais emoções influenciaram muito na minha apreensão do espaço: ao mesmo tempo que aquilo tudo era grande, disperso e um pouco assustador, era também um lugar com muito potencial para viver grandes aprendizados pessoais e profissionais, descobrir cantinhos favoritos, passar longas horas. Hoje vejo a UnB como um dos meus lugares favoritos da cidade: há vida, troca, circulação, mas também silêncio e contemplação – o que me possibilita acessar ao mesmo tempo momentos de familiaridade e nostalgia com outros de estranhamento e curiosidade.

b

Apesar de achar o campus um tanto quanto inseguro, considero o espaço e a maneira como foi construído muito interessantes. É possível andar pela maior parte do campus sem precisar de carro, diferentemente de outras universidades federais em que já estive. Além disso, o fato de haver corredores amplos, tanto no ICC como em outros prédios, favorece a circulação de grande parte dos estudantes e, conseqüentemente, uma maior interação social.

Sinto saudades da UnB, pois foi um lugar que me proporcionou uma grande diversidade cultural. Pude conhecer e conviver com pessoas de diversas classes sociais, de diferentes estilos, com diferentes ideias e que, ao longo do curso, acrescentaram muito em relação à minha formação como pessoa e como profissional.

c

Eu achei tudo bem setorizado, senti falta de unicidade, muitos espaços inutilizados, grandes espaços vazios que poderiam contribuir com os alunos, mas são verdadeiros desertos. Me senti num novo país, com suas engrenagens próprias e sintomáticas, uma espécie de bolha, isolado tanto geograficamente (tendo como ponto de referência os espaços brasilienses de maior demografia) quanto socialmente. [Minha impressão] não mudou, não... Hoje só não me sinto tão estrangeira como antes. O período de ocupação [durante as mobilizações estudantis de 2016] contribuiu muito com minha interação com o espaço do campus.

22

d

A minha primeira impressão do espaço da UnB foi de imensidão, tanto física quanto conceitual. O campus era espaçoso e arborizado. Se locomover pela UnB levava tempo. Eu adorava a sensação de liberdade, de poder fazer o que quiser naquele espaço, ver as pessoas ocupando da forma que queriam, dormindo sob as árvores, fazendo trabalho nos corredores, discutindo e fomentando ideias. Eu me sentia como num filme e adorava essa sensação de enfim ter alcançado meu espaço nesse lugar que parecia ser tão democrático. Depois, com o tempo, a ficha foi caindo e eu percebi os problemas estruturais e também as falácias que as burocracias e as dinâmicas ajudam a construir. Hoje eu ainda amo muito estar na UnB e me reconhecer nos espaços que fizeram memória. Aceitei que há flores e há espinhos, só que as flores são bem mais bonitas. Entrei na UnB meio sonhadora e saí mais realista: não vejo mais o campus como um local democrático, por mais que haja esforços para tal. Mas ainda é o ponto de encontro mais propício a fomentar discussões e viver experiências que quebram paradigmas. E é um dos meus lugares favoritos de Brasília.

e

[Minha primeira lembrança é] de procurar o CESPE com a minha avó para resolver alguma burocracia. Não sabíamos onde ficava e tivemos que rodar muito até achar. Acho que até tinham placas [indicativas], mas tivemos dificuldade. Tinham menos prédios por ali na época.

Eu gostei do jeito de campus que a UnB tem: vários prédios, quase uma pequena cidade mesmo. Mas me senti muito perdida. Hoje em dia tenho até um certo orgulho de conhecer os lugares, como se eu fosse uma *insider*. Que é um pensamento meio egoísta, pois o ideal seria ter essas informações desde o começo, com facilidade e bem acessíveis. Mas é gostoso saber que eu conheço e sei o que fica onde.

f

Eu não me lembro muito bem, mas a primeira impressão que eu tive do campus foi a de que ele era enorme. Acho que percepções espaciais são as que vêm primeiro para nós, né?... Talvez isso esteja ligado de alguma maneira com a evolução da espécie. Mas eu lembro de achar o campus absurdamente grande e vasto. Como eu me sentia no campus? Eu amava o campus Darcy Ribeiro. Eu sentia que o lugar tinha uma aura acadêmica, de fato. Como se eu fosse uma molécula de oxigênio dentro de uma corrente sanguínea e estivesse alimentando alguma célula no cérebro, mesmo, e não no rim ou em algum músculo, entende? Acho que a impressão não mudou muito, não. Talvez algumas críticas pontuais ou coisas assim, mas no geral a ideia que eu tenho do campus é de um lugar gostoso de se ficar, bonito, arejado... [Um lugar] que estimula o pensar, de certa maneira. Isso sem contar que eu me sentia muito identificado com as pessoas do campus, principalmente com os estudantes. Acho que agora que estou onde estou, eu consigo perceber melhor por que eu tenho saudade da UnB. Acho que é porque lá eu tinha um motivo mais claro de vida, uma meta, sabe? Um destino claro: aprender, produzir, mostrar meus trabalhos lá dentro. Se bem que essa é a saudade da UnB como instituição, né? Sinto saudades [do campus, também]. Eu cheguei a levar minha mãe para conhecer o campus quando ela me visitou em Brasília. Eu estava mais ansioso para ela conhecer o campus do que conhecer, sei lá, o Congresso Nacional.

g

Entre em 2009 e desde então vários prédios foram construídos. Mas lembro que uma das primeiras sensações foi de um espaço aberto, sensação de liberdade pelo fato de ter todos cursos meio que misturados. Gente andando de

um lado para o outro a todo tempo. A sala da aula de cálculo era ao lado de uma de aula de sociologia. Achei isso ótimo. Lembro que nessa época já tinha ido em algumas universidades em outros estados e todas eram naquele formato de prédios separados de acordo com o curso. Ter tudo meio misturado me chamou muito a atenção. Na minha infância estudei na Escola Normal de Brasília, de onde guardo várias boas memórias. Lembro que a primeira vez que entrei na UnB me remeteu à Escola Normal [de Brasília] por algum motivo: talvez pelos tijolinhos, o concreto com árvores ao redor, ou talvez devido a algo mais inconsciente ligado a alguma sensação da infância.

Por um lado, entrar na Universidade e ver pessoas de várias idades e pensamentos foi muito positivo, pois eu já estava em um momento em que me sentia totalmente alheia ao ensino médio e a tudo que o cercava. Na época, tinha amigos da escola com que me identificava, mas eu precisava de novos espaços.

Em contrapartida, entrei em um curso majoritariamente masculino, majoritariamente classe média ou média-alta, majoritariamente branco e em que, na minha opinião, há um problema com relação à visão dos educadores. Senti uma cultura forte de reprovação ser motivo de orgulho por parte dos professores e um certo terror na forma de transmitir conhecimento. Para mim, com 16 anos, mulher, negra, nordestina, classe média na época, mas que pertenceu à classe baixa durante grande parte da vida, tudo isso foi um choque cultural muito forte e abalou bastante minha autoestima durante o curso. Mas, com o passar do tempo, acredito que encontrei meu lugar e me fortaleci ao lado de pessoas que também tinham opiniões e contextos parecidos ao meu. Não sei dizer se foi uma sensação particular ou se de fato a UnB se tornou mais diversa, mas vi uma evolução muito grande da densidade de pessoas de todos tipos que via pelo corredor. Peguei também disciplinas de outros departamentos, o que foi essencial para minha formação pessoal, não apenas profissional.

Quando me formei, decidi fazer mestrado fora da UnB, pois me sentia exausta da universidade. Hoje em dia percebo claramente que não era exaustão da Universidade, mas sim do curso em si. Tenho muito carinho e ótimas lembranças da UnB e tenho certeza de que nenhum outro lugar teria como me proporcionar a vivência que tive na graduação, para além do aspecto profissional.

3.6 CARTOGRAFIA AFETIVA INDIVIDUAL

A leitura do livro *Espèces d'espaces* foi de suma importância para o prosseguimento do projeto. Este ensaio de Georges Perec, além de apresentar um texto bem-humorado sobre os espaços que nos circundam, mostra vários métodos de análise e reflexão poéticas do espaço. Extraíndo compulsivamente leituras diversas dos objetos, espaços e acontecimentos mais banais ao seu redor, ele nos mostra um mundo totalmente particular seu, mas que nos é estranhamente familiar. Elementos comuns e sistematicamente presentes em todo espaço construído pela mão humana, tanto em escala próxima à nossa —camas, paredes, portas—, como construções marcadas pelas aglomerações —ruas, quarteirões, cidades—, e por vezes abstrações intangíveis —o movimento, as fronteiras dos países, o mundo—, definem nossa experiência de vida.

25

Ao desnaturalizar tanto as coisas como os fenômenos cotidianos, despidendo-os de qualquer suposta normalidade, passamos a travar uma relação crítica com o espaço e, em consequência, é possível observar, experimentar e recriar uma infinidade de ideias sobre ele e, principalmente, sobre nós mesmos. Afinal, para o autor, a experiência da vida se dá na passagem de um espaço a outro, logo, quando atentamos para esse movimento ininterrupto, estamos olhando para a própria ação de viver. Para Perec, a criação do espaço começa sobre a página, no ato de escrever. A partir desta escritura, ele cria um inventário de espaços para si que é, ao mesmo tempo, um simulacro de espaço e um espaço inventado. O espaço descrito na página, quando lido, é transportado desta para a imaginação de quem lê. Mergulhamos diretamente no mundo que antes estava confinado no papel, damos vida às palavras congeladas na área branca da folha, projetamos em nossa mente a imagem que antes só existia como palavra.

Os espaços, também, não estão desvinculados da questão temporal. Assim como nossas vidas poderiam ser descritas como a passagem de um espaço a outro, os espaços também são descritos em função do tempo. Os espaços que tomamos como pontos de referência, em uma tentativa vã de imobilizá-los, nunca existem mais como quando os descrevemos. Eles passam a ser questões e perguntas. Daí parte o trabalho obsessivo de Perec de

marcar e designar o espaço, pois “ele nunca é meu, ele nunca me é dado, é preciso que eu o conquiste”. A fragilidade dos espaços usados pelo tempo e de sua memória, que cedo ou tarde irá traí-lo, se torna sua grande motivação para escrever, ato que ele descreve como:

“[...] tentar meticulosamente conservar algo, fazer sobreviver esta coisa: apanhar alguns fragmentos precisos do buraco que se cava, deixando, em algum lugar, um sulco, um traço, uma marca ou alguns sinais.”¹¹

26

Assim, tirando partido destas leituras poéticas espaciais de Perec, me senti motivado a fazer minha própria cartografia dos espaços selecionados para este projeto, em uma tentativa de preencher a lacuna que faltava para este trabalho: se eu estou tratando de espaços da universidade com os quais eu tenho um forte vínculo afetivo, não me basta somente as leituras e interpretações de outrem para se construir um projeto que enseje as mesmas reflexões que eu tive sobre estes locais. Desta maneira, comecei a registrar diversas descrições, impressões e lembranças dos espaços de aprendizagem informal na universidade. Assim como em Perec, minha intenção aqui era apresentar uma cartografia afetiva dos espaços na forma escrita, subordinada não aos mapas, mas ao ordenamento verbal do pensamento.

O texto foi desenvolvido de várias maneiras simultaneamente: por vezes eu me colocava em um ponto de um espaço dado e começava uma análise descritiva desprovida de qualquer subjetividade do que ocorria ao meu redor; em outras ocasiões, eu contava com a memória das minhas vivências como estudante ao longo da minha graduação para chegar aos espaços de que estou tratando. Este balanço do meu percurso acadêmico me permitiu, além de descrever os espaços que permearam meu cotidiano na universidade, apresentar seus usos reais, corroborando as respostas já dadas anteriormente nos questionários, e imaginar novas possibilidades de uso para eles.

3.7 EDIÇÃO

Tendo em mãos os resultados dos questionários e das cartografias, as entrevistas transcritas e minha própria cartografia afetiva, deu-se início o processo de edição desse material. Fez-se necessário fazer recortes não somente para adequar o conteúdo para uma publicação pequena, mas também para selecionar aquilo que havia de mais interessante para a discussão tratada pelo *fanzine*.

27

Este processo definiu a própria estrutura interna da revista, pois, ao quebrar o material em fragmentos, pude visualizar como eles se relacionavam entre si e como essas ideias e registros poderiam ser apresentados graficamente.

4. PROJETO GRÁFICO E EDITORIAL

atlas *s.m.* 1 publicação constituída por uma coleção de mapas ou cartas geográficas 1 *p.ext.* livro constituído por uma coleção de gravuras, gráficos etc., relativos a uma dada ciência”

28

tertúlia *s.f.* 1 agrupamento, reunião de parentes ou amigos 2 palestra literária 3 pequena agremiação literária, menor do que academias e arcádias *etim* espanhol *tertulia* ‘reunião de gente para discutir ou conversar’

O produto se trata de uma publicação experimental, artesanal e de baixa tiragem, popularmente conhecido como *fanzine*, ou apenas *zine*. Palavra de origem inglesa, significava, inicialmente, a junção de duas palavras, *fan* e *magazine*, ou seja, uma revista feita por e para fãs de algum tópico especial. A escolha desse modelo de publicação se dá por motivos práticos e econômicos, pois a produção artesanal me dá amplo controle sobre todas as etapas de feitura da revista. Além da edição, preparo e diagramação do conteúdo, a edição, diagramação, impressão e acabamento também serão supervisionados ou realizados por mim mesmo. Isto também me dá a liberdade de fazer um produto com baixa tiragem, pois para se imprimir uma revista em uma gráfica comum, utilizando impressão *offset*, haveria necessidade de uma tiragem alta (a partir de 500 exemplares) para baixar o valor unitário de produção a um preço acessível.

O título **Atlas de tertúlias** foi escolhido, portanto, de forma a fazer um jogo de palavras com o que a revista aparenta ser e com o que ela realmente é. Ao mesmo tempo que as informações estão vinculadas e localizadas nos mapas que ocupam as páginas das revistas, a matéria textual não é de forma alguma um conteúdo científico, como seria de se esperar de um atlas como o de anatomia, por exemplo. As tertúlias são os espaços de aprendizagem

informal aos quais me referi ao longo do desenvolvimento do projeto, espaços onde a sociabilidade potencializada é canalizada de forma a estabelecer uma relação de aprendizagem distinta do modelo de sala de aula, pautado pela hierarquia rígida e sentido unidirecional da informação.

A estrutura da revista foi informada pelo conteúdo disponível. O formato tem como inspiração os grandes atlas geográficos, nos quais as páginas são recheadas com mapas de diversas áreas do globo, apresentando sobre a superfície bidimensional e diagramática todos os elementos referentes ao tema daquele mapa específico, como um mapa de relevo que mostra todas as altitudes de uma dada região, ou um mapa político, que mostra as fronteiras de cada estado, país e a localização das cidades. No caso deste projeto, os mapas também orientam as informações apresentadas ao longo da revista, mas as cartografias dispostas nas páginas são de teor majoritariamente poético e subjetivo.

4.1 FORMATO E GRELHA

Para facilitar e baratear a produção gráfica, foi escolhido para a revista o tamanho de folha padrão A5 (148 × 210 mm) para o formato fechado, dobrando ao meio, em encadernação canoa, uma folha A4 (296 × 210 mm), em formato aberto. A revista apresenta uma margem superior de 10 mm, margem inferior de 5 mm e margens externas de 12 mm. Não há uma margem interna para as imagens e mapas, permitindo que estas fiquem rentes à dobra. Quanto aos textos, uma guia afastada 9,714 mm permite que haja um respiro deste em relação à espinha do caderno.

30

A mancha de texto tem entrelinha de 11,055 pt, ou 3,9 mm, totalizando uma mancha gráfica de 195 mm, com 50 linhas. Todos os estilos de parágrafos possuem entrelinha múltipla desse valor.

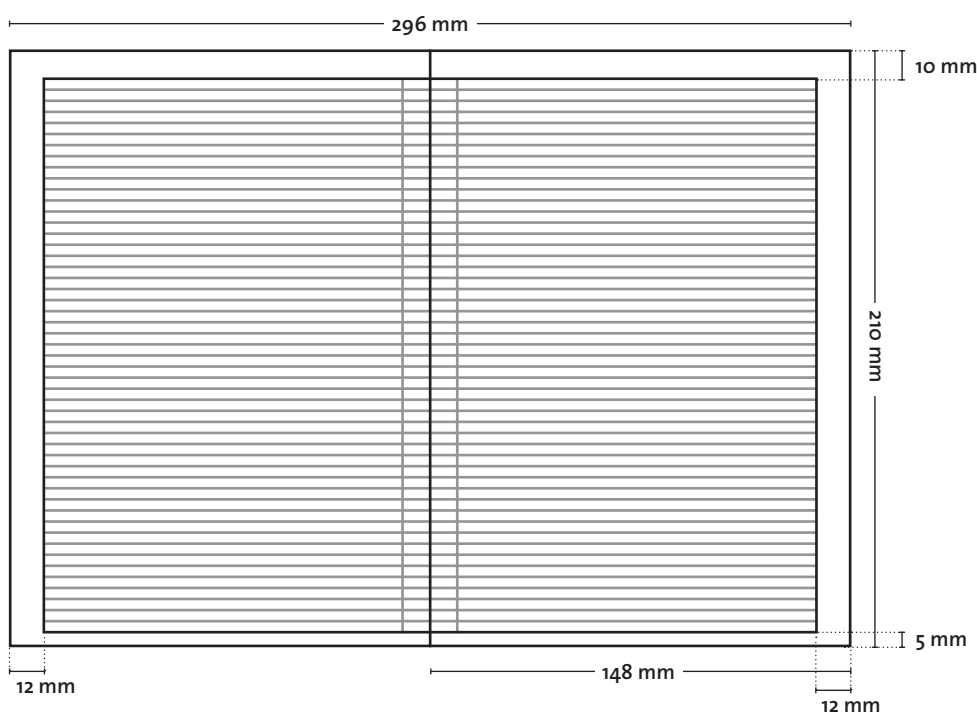


fig. 2 Construção da mancha gráfica e entrelinhas

A área externa às margens são preenchidas pela cor cinza κ10. A mancha de texto apresenta uma grelha modular simples, exposta em toda a extensão da revista. Os módulos medem 19,5 x 9,5 mm. Cada página tem, portanto, sete colunas e dez linhas de módulos.

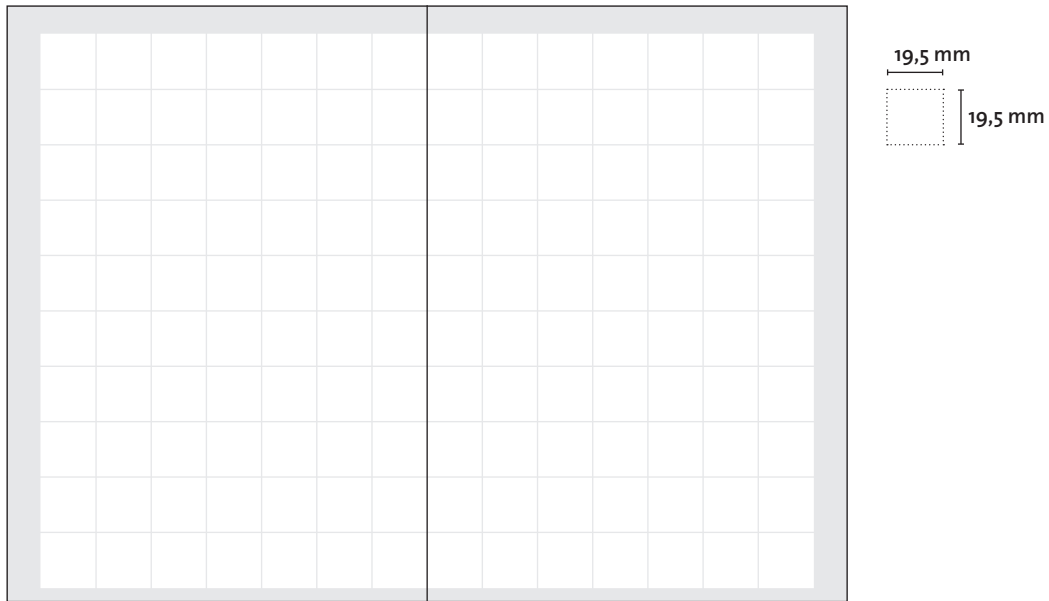


fig. 3 Construção da grelha modular

4.2 TIPOGRAFIA

A revista é composta com uma variedade de famílias tipográficas distintas, com o intuito de diferenciar claramente os discursos presentes em seu conteúdo. Assim, cada voz é marcada por uma tipografia distinta juntamente com um padrão gráfico, o qual será discutido no próximo tópico. São elas:

**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
1234567890 ?!.,**

fig. 4 Mashine Rounded Bold

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
1234567890 ?!.,

fig. 5 Mashine Rounded Regular

**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890 ?!.,**

fig. 6 TheSans Extrabold

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890 ?!.,

fig. 7 TheSans Regular

**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890 ?!.,**

fig. 8 TheSerif Bold Italic

**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890 ?!.,**

fig. 9 Enemy

**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
1234567890 ?!.,**

fig. 10 Triplex Italic Bold

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ abcdefghijklmnopqr stuvwxyz 1234567890 !,.

fig. 11 Dimensions 100R

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ abcdefghijklmnopqr stuvwxyz 1234567890 !,.

fig. 12 Dimensions 200R

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ abcdefghijklmnopqr stuvwxyz 1234567890 !,.

fig. 13 Dimensions 300R

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ abcdefghijklmnopqr stuvwxyz 12345

fig. 14 Dimensions 400R

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ abcdefghijklmnopqr st

fig. 15 Dimensions 500R

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ abcdefghijk

fig. 16 Dimensions 600R

ABCDEFGHIJKLMN OPQRSTUVWXYZ abc

fig. 17 Dimensions 700R

4.3 PADRÕES GRÁFICOS

No começo, há um mapa geral do campus universitário Darcy Ribeiro, com as indicações dos principais prédios dos institutos, faculdades e centros diversos e as localizações de serviços básicos para a comunidade acadêmica, além de apresentar os espaços abertos e espaços culturais. O equipamento urbano e os serviços são indicados com ícones circulares comuns a todas as categorias semelhantes (fig. 18). Este mapa está dividido em uma grelha (fig.3), onde cada célula pode ser identificada por meio de um sistema de coordenadas cartesianas. Este sistema servirá para orientar a localização dos mapas posteriores ao longo da revista.

34



fig. 18 Ícones de equipamentos urbanos

Nas duas páginas seguintes, este mapa geral aparece fragmentado, dividindo o espaço da dupla de páginas com pedaços dos relatos das primeiras impressões do campus. A partir daí, a revista tem uma estrutura recorrente de duas páginas, pelo menos, por tertúlia. Os mapas localizam o leitor no espaço físico do campus, as fotografias ilustram e apresentam estes locais a ele, e as outras informações pontuam as questões, os diálogos e as respostas das entrevistas referentes àqueles lugares específicos. Paralelamente ao conteúdo coletado com as pessoas, há listas diversas (fig. 21) que ilustram as páginas. Elas listam elementos recorrentes e inusitados do campus, como os CEPs que existem na UnB, departamentos do ICC, nomes das lojas do ICC, espécies de árvores presentes no campus, espécies de aves que frequentam o campus etc.

O conteúdo das entrevistas, dos questionários e da minha cartografia individual foi selecionado, dividido e organizado de forma a apresentar padrões gráficos claros ao longo da publicação. Assim, cada tipo de resposta apresenta um tratamento específico que o diferencia dos demais.

As informações institucionais (prédio ou localização, coordenada e legenda do mapa) recebem um tratamento mais simples. Os títulos, que são as localizações das tertúlias, são compostos em Mashine Rounded Bold e se localizam ao topo da página, à esquerda. Abaixo, as coordenadas da referida localização estão em Mashine Rounded Regular, assim como as listas, em corpo consideravelmente menor. As legendas dos mapas são compostas com os pesos Extrabold e Regular da TheSans.

A minha primeira impressão do espaço da UnB foi de imensidão, tanto física quanto conceitual.

fig. 19 Box tipo para relatos das entrevistas virtuais

Há uma rede invisível que nos liga, nos aproxima e nos relaciona uns com os outros. Desígnios de um deus onipotente, trama tecida pelas parcas ou meras relações socio-econômicas?

fig. 20 Box tipo para minha narrativa pessoal

STICA UNB
CAFÉ DONA PEIDE
SORVETERIA ARAÚJO
GULLA'S
BOMBONIERE POLLYLAU
MIX UNB
BANCA DO GILSON
PAPELARIA ORIENTAL
XEROX-BB-HERRIQUE

fig. 21 Box tipo para listas

♥ ♥ ♥
o jardim
um sanduíche que como desde 2008
é o caminho para a biblioteca

fig. 22 Box tipo para marcações de lembranças e aprendizados dos questionários

mais bebedouros
mais flores
que as pessoas se amem mais

fig. 23 Box tipo para marcações de desejos dos questionários

Relatos por extenso, aprendizados, boas memórias e desejos dos entrevistados localizados cartograficamente usam o peso bold itálico da TheSerif, por lembrar a formatação de citações em publicações acadêmicas e também pelo seu desenho humanista.

Cada uma dessas é diferenciada pelo enquadramento dos *boxes* de texto: os relatos são quadrados com uma quina chanfrada, os aprendizados e lembranças estão organizados sob a forma de pequenas tabelas, indicadas por um título branco sobre uma célula cinza escuro e os desejos estão inclinados, contornados

cada um por um desenho de etiqueta, localizados aproximadamente nos mesmos locais que foram marcados nas cartografias individuais durante as entrevistas.

Os meus próprios relatos são compostos com o peso bold da Triplex Italic, por ter um desenho particular e incomum, com suas quinas pontiagudas, e modulação do traço que remete à pena caligráfica.

Os textos encontrados nas paredes da universidade são compostos com a Enemy, que só possui um peso e tem desenho de estêncil, por remeter à linguagem do grafitti e da arte urbana.

36

Por fim, as citações de livros inseridas ao longo da revista são compostas em Dimensions, tipografia com uma grande variedade de pesos e larguras. Esta família tipográfica privilegia formas geométricas rígidas, espaço negativo mínimo e ângulos retos em detrimento da legibilidade. Ao utilizá-la combinando-se seus diferentes pesos em uma frase, obtém-se uma textura interessante que remete vagamente a um código de barras.

4.4 DIAGRAMAÇÃO

Os mapas da revista estão todos rigidamente confinados na estrutura da grelha, fazendo uso da modulação desta como sistema de coordenadas cartesianas. Os mapas ficam localizados sempre no canto superior da página ímpar, à direita.

Os títulos das localizações se encontram no canto superior da página par, ou seja, à esquerda, enquadrados por abas que são extensões das zonas cinzas que compreendem a margem. Isto porque todo conteúdo “oficial” (títulos, listas e legendas oficiais dos mapas) obedecem rigidamente a grelha e são preenchidos por áreas na mesma cor da margem.

Todo o conteúdo que não seja oficial ou institucional —textos autorais, respostas dos questionários e imagens— são dispostos na página de maneira mais descontraída e livre, desobedecendo o grid e, por vezes, se sobrepondo às margens. Estes elementos estão diagramados de forma a criar composições dinâmicas, mas nunca totalmente aleatórias: tentei criar alinhamentos entre eles de forma a criar uma organização que se relaciona entre as partes, aproveitando ao máximo a expressividade que a composição pode proporcionar.

4.5 PRODUÇÃO GRÁFICA

A técnica escolhida para a produção da capa da revista foi a serigrafia. Desta forma é possível fazer um acabamento diferenciado, utilizando papéis e tintas não convencionais para a impressão *offset*, com qualidade e baixa tiragem, sem elevar os custos de impressão em demasia.

A capa é em papel ColorPlus Jamaica (na cor laranja), de gramatura 180 g/m², impressa com tinta acrílica branca. A contracapa utiliza tinta preta.

37

O miolo é feito em impressão *offset* digital, pois assim, também, poderá ser feita uma tiragem baixa de exemplares. A impressão terá uma cor (preta), feita sobre papel pólen 80 g/m².

O acabamento é feito artesanalmente, encadernando-se o volume manualmente com linha laranja e refilando-o em seguida.



fig. 24 Tela de serigrafia da contracapa gravada

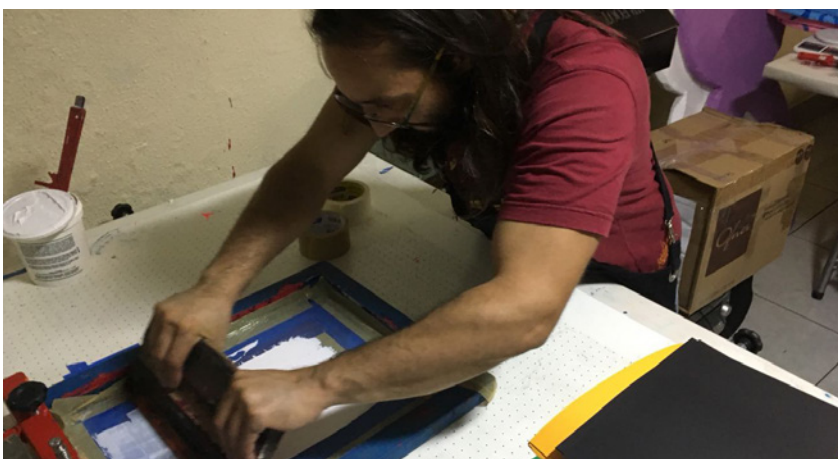


fig. 25 Impressão da capa em serigrafia

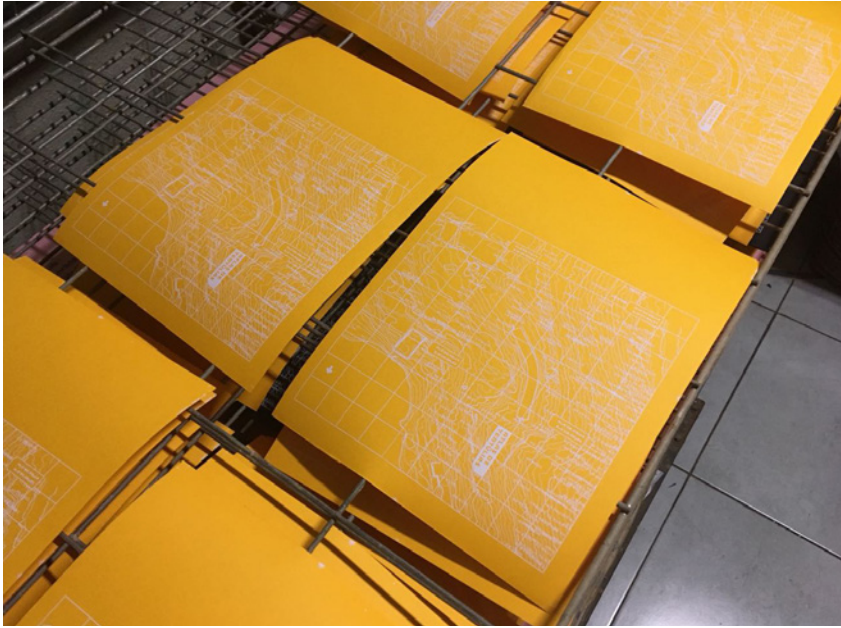


fig. 26 Várias lâminas da capa impressas



fig. 27 Revista pronta, aberta

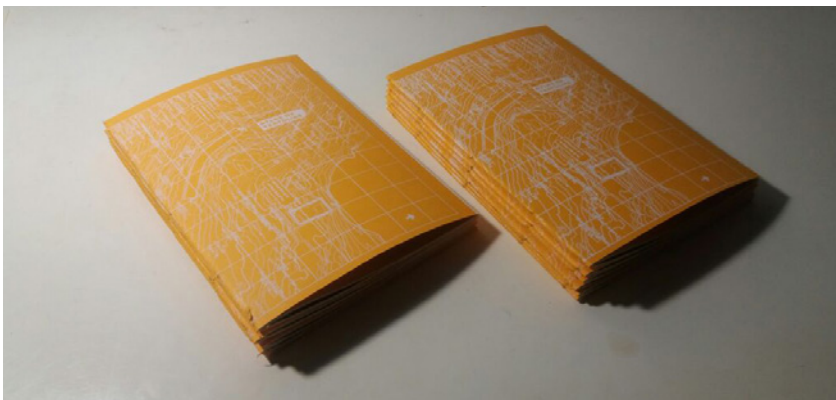


fig. 28 Revista pronta, fechada

6. CONCLUSÃO E DESDOBRAMENTOS FUTUROS

Quando comecei este projeto, eu não fazia ideia dos rumos que ele tomaria. A pesquisa inicial indicava um direcionamento maior para intervenções nos espaços de aprendizagem informal com o intuito de melhor aproveitá-los como espaços para se realizar projetos coletivamente. As minhas inquietações com o modelo estratificado das salas de aula me motivavam a pensar maneiras de explorar as potencialidades desses espaços outros. Contudo, eu sentia muita insegurança quanto a poder realizar um projeto que demandasse uma pesquisa rigorosa com os usuários, tomando por base o trabalho de William Whyte.

39

Além disso, a possibilidade de se realizar tão-somente um projeto especulativo e não conseguir materializar o projeto por limitações financeiras era motivo de inquietação para mim, pois eu gostaria de poder criar e produzir algo real. Foi quando eu entrei em contato com os estudos de ‘patafísica e os trabalhos de mapeamento coletivo realizados pelos Iconoclastas. Esse foi o primeiro momento em que vi com clareza que seria mais interessante trabalhar com os aspectos mais lúdicos, subjetivos e poéticos desses espaços, trazendo à luz mais questionamentos sobre seu uso que respostas prontas.

Foi somente com a leitura do texto de Pécoc que tive certeza de que estava em um caminho acertado. A pesquisa com os usuários já havia sido feita e foi muito satisfatória a experiência de ter esse contato com as pessoas não só por causa da variedade de respostas registradas, mas porque as conversas que tive com elas me asseguravam que havia uma real necessidade de se questionar os espaços de sociabilidade como possíveis espaços onde aprendemos coisas. Na verdade, as pessoas reconheciam terem tido diversos aprendizados em locais diversos do campus, mas somente após a conversa com elas é que elas percebiam que essa potencialidade poderia ser expandida. Ao ler *Espèces d’espaces*, ficou evidente para mim a necessidade de incor-

porar minhas próprias leituras dos espaços aos textos registrados a partir dos questionários. Essa ideia já estava incipiente quando decidi que o produto seria um *fanzine*, mas o texto de Perec deu a inspiração necessária para produzir esse material.

Por fim, a necessidade de fazer um balanço pessoal da minha trajetória durante a graduação foi satisfeita. Durante conversas com amigos enquanto trabalhava no projeto, percebi que tanto meus descontentamentos como minhas maiores alegrias relacionadas aos trabalhos que desenvolvi ao longo da faculdade estavam intimamente ligados ao tipo de espaço e ambiente em que os realizei. Os projetos que me trouxeram mais satisfação foram aqueles em que eu estava em contato com várias pessoas ao mesmo tempo, trabalhando em prol de um interesse comum. Assim, a realização do Atlas de tertúlias é, para mim, uma maneira de homenagear alguns dos lugares que me proporcionaram alguns dos melhores momentos durante minha passagem pela Universidade de Brasília.

Meu propósito é de que as pessoas que porventura entrem em contato com o *fanzine* e o leiam passem a enxergar esses espaços apresentados com um olhar mais atento, visualizando novas e melhores possibilidades de reapropriação dos lugares que permeiam seu cotidiano inadvertidamente.

Para um possível desdobramento, acredito que seria interessante pensar uma maneira de viabilizar a impressão serializada da revista, de forma a espalhá-la nos próprios lugares tratados por ela. Para isso, seria necessário encontrar uma solução financeira que tornasse viável a distribuição do *fanzine* a preço de custo, se não gratuitamente. Desta forma, os questionamentos poderiam se disseminar mais amplamente entre os estudantes que ocupam os diversos lugares da UnB, motivando-os, inclusive, a desenvolver ainda mais trabalhos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- ARES, Pablo; RISLER, Julia. **Manual de mapeo colectivo: recursos cartográficos críticos para procesos territoriales de creación colaborativa**. 1. ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2013. Disponível em: <https://issuu.com/iconoclasistas/docs/manual_de_mapeo_2013> Acesso em: 18 de junho de 2018.
- BEY, Hakim. **TAZ: zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad, 2001.
- BÖK, Christian. **'Pataphysics: The poetics of an imaginary science**. Northwestern University Press, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.
- ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 7. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.
- PAPANEK, Victor. **Design for the real world: Human ecology and social change**. 2. ed. Chicago: Chicago Review Press, 2005.
- PEREC, Georges. **Espèces d'espaces**. 1. ed. Paris: Éditions Galilée, 1974.
- WHYTE, William H. **The social life of small urban spaces**. 1. ed. Nova Iorque: Project for Public Spaces, 1980.

APÊNDICE

EXEMPLO DE QUESTIONÁRIO E CARTOGRAFIA PREENCHIDOS

C

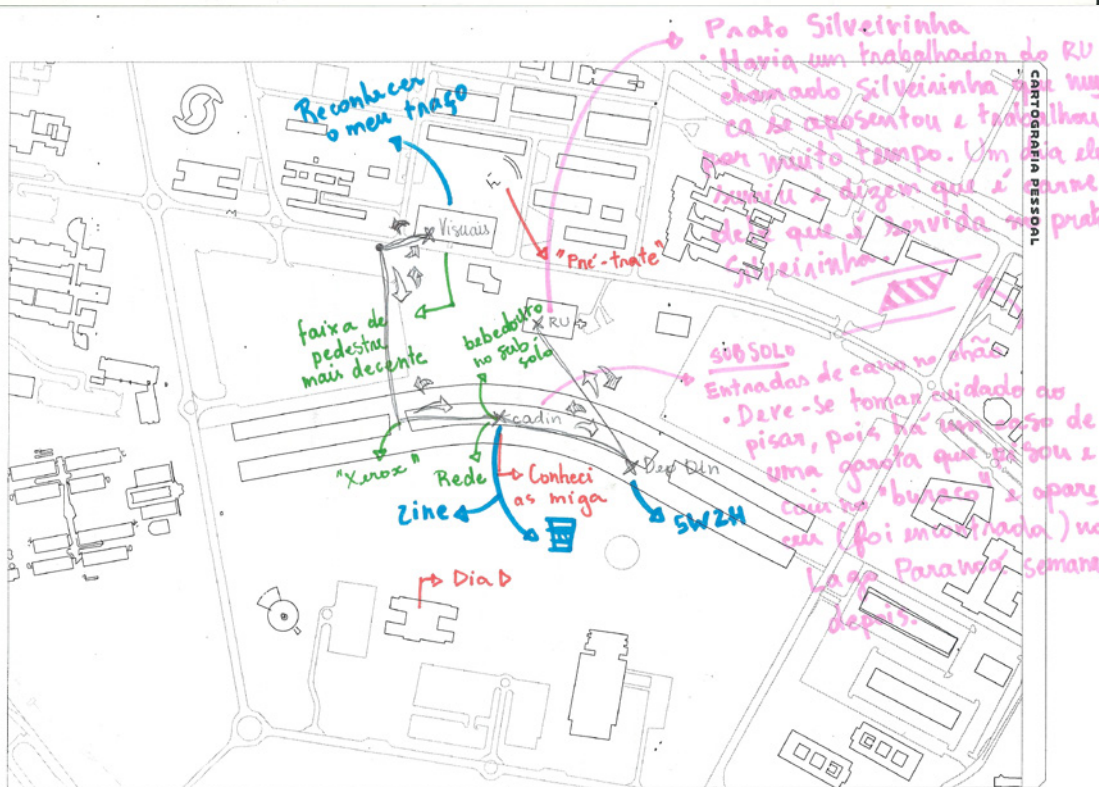
IDADE 22	CURSO/PROG. ESCOLARIDADE ECONOMIA	ONDE ESTUDA/TRABALHA UNB	SEMESTRE 1º	<table border="1"> <tr> <td>id</td> <td>001</td> </tr> <tr> <td>ENFEREIRO</td> <td>Teicho de Avelar</td> </tr> <tr> <td>DATA</td> <td>26/04/2017</td> </tr> <tr> <td>TEMPO DE REALIZAÇÃO</td> <td>26</td> </tr> </table>	id	001	ENFEREIRO	Teicho de Avelar	DATA	26/04/2017	TEMPO DE REALIZAÇÃO	26
id	001											
ENFEREIRO	Teicho de Avelar											
DATA	26/04/2017											
TEMPO DE REALIZAÇÃO	26											
GÊNERO <input checked="" type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino <input type="checkbox"/> sup.	ESCOLARIDADE <input checked="" type="checkbox"/> fund. <input type="checkbox"/> médio <input type="checkbox"/> completo <input type="checkbox"/> incompleto <input type="checkbox"/> não cursou	ASPECTOS OBJETIVOS para que este espaço foi construído <u>Evento e Comunidade</u> atende bem a estas funções? não <input checked="" type="checkbox"/> sim serve para outras atividades? não <input checked="" type="checkbox"/> Realização de eventos adequação do tamanho										
SOCIALIZIDADE uso adequado para <input checked="" type="checkbox"/> grps. pequenos <input checked="" type="checkbox"/> grps. grandes <input checked="" type="checkbox"/> indivíduos <input type="checkbox"/> voluntariado <input type="checkbox"/> pertencimento <input type="checkbox"/> uso à noite	ACESSIBILIDADE E LIGAÇÕES visibilidade a distância <input checked="" type="checkbox"/> boa <input type="checkbox"/> ruim acessível <input type="checkbox"/> a pé <input type="checkbox"/> de carro <input type="checkbox"/> de bicicleta <input type="checkbox"/> moto sinalização <input type="checkbox"/> boa <input type="checkbox"/> ruim	CONFORMO E IMAGEM atratividade <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> segurança <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> limpeza <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> poluição visual <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> confortável <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> manutenção <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> obs	ASPECTOS SUBJETIVOS MOTIVAÇÃO E HÁBITOS porque você vem aqui? <input checked="" type="checkbox"/> conversar <input type="checkbox"/> contemplar <input type="checkbox"/> estudar <input checked="" type="checkbox"/> descansar <input type="checkbox"/> fazer trabalhos <input type="checkbox"/> alimentar-se <input checked="" type="checkbox"/> fumar com que frequência? 1 2 3 4 5 6 7 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> dias/sem.									
CARTOGRAFIA: ANOTAÇÕES Meias Comidinhas Meias Frequentadas Nunca Foi	RELACIONOS COM O ESPAÇO o que é especial sobre este lugar? Espaço aberto, arejado, convidativo à qualquer pessoa. em quais climas você gosta de ficar aqui? <input type="checkbox"/> ensolarado <input type="checkbox"/> chuva forte <input checked="" type="checkbox"/> úmido <input checked="" type="checkbox"/> nublado <input type="checkbox"/> ventania <input type="checkbox"/> seco	o que você já aprendeu aqui? Interagir com outras pessoas se pudesse, o que melhoraria neste lugar? Colocar mais grades ou cobrir para aumentar a sombra do espaço. E mais bancos										



APÊNDICE

EXEMPLO DE QUESTIONÁRIO E CARTOGRAFIA PREENCHIDOS

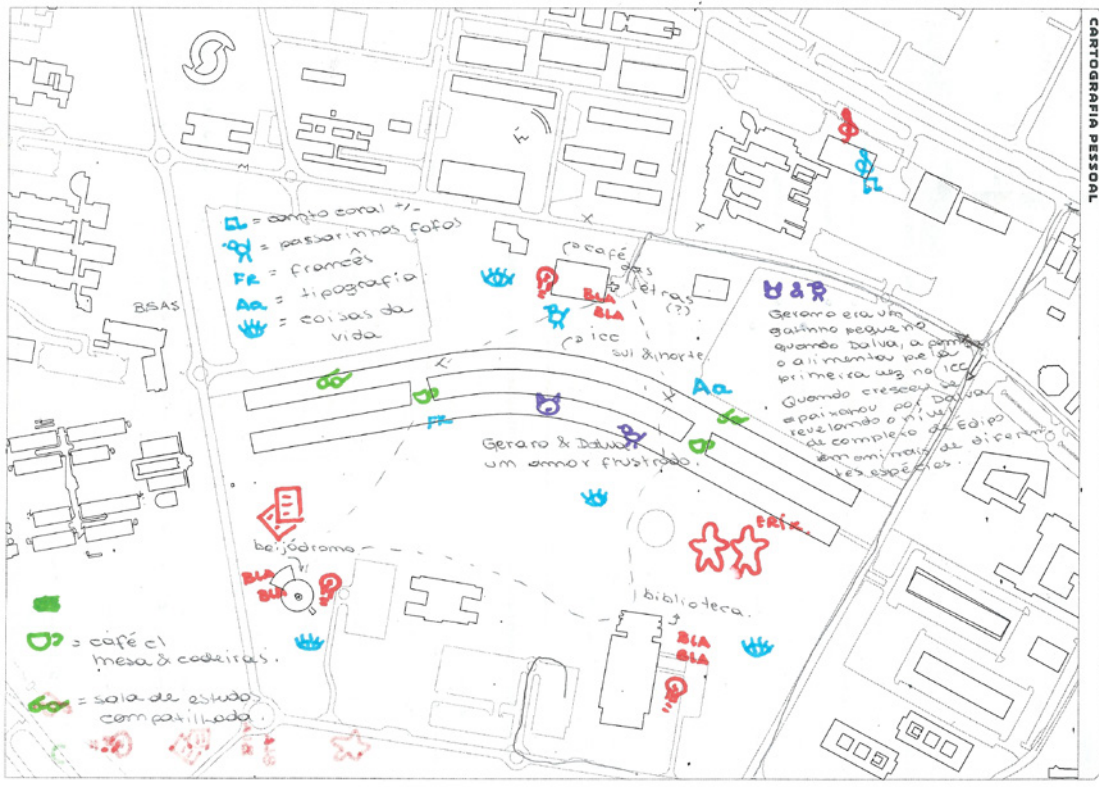
nome: YR ARAÚZ gênero: <input checked="" type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino curso/profissão: D. Arquitetura escolaridade: <input type="checkbox"/> fund. <input checked="" type="checkbox"/> completo <input type="checkbox"/> sup. ano: 1º semestre: 1º	curso/profissão: D. Arquitetura escolaridade: <input type="checkbox"/> fund. <input checked="" type="checkbox"/> completo <input type="checkbox"/> sup. ano: 1º semestre: 1º	ID: 006 número: CADIN data: 29/12 tempo de realização:
ASPECTOS OBJETIVOS para que este espaço foi construído: intercâmbio, descontração atende bem a estas funções? <input type="checkbox"/> não <input checked="" type="checkbox"/> sim serve para outras atividades? <input type="checkbox"/> não	COMFORTO E IMAGEM atratividade: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> segurança: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> limpeza: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> poluição visual: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> conforto: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> manutenção: <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> obs:	ASPECTOS SUBJETIVOS porque você vem aqui? <input checked="" type="checkbox"/> conversar <input checked="" type="checkbox"/> contemplar <input checked="" type="checkbox"/> estudar <input checked="" type="checkbox"/> descansar <input checked="" type="checkbox"/> fazer trabalhos <input checked="" type="checkbox"/> usar o S <input type="checkbox"/> alimentarse <input type="checkbox"/> beber coisas <input type="checkbox"/> fumar
SOCIALIZAÇÃO uso adequado para: <input checked="" type="checkbox"/> grps. pequenos <input type="checkbox"/> voluntarismo <input checked="" type="checkbox"/> grps. grandes <input type="checkbox"/> pertencimento <input type="checkbox"/> indivíduos <input type="checkbox"/> uso à noite	ACESSIBILIDADE E LIGAÇÕES visibilidade à distância: <input type="checkbox"/> boa <input type="checkbox"/> ruim acessível: <input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não O de: <input type="checkbox"/> de ônibus <input type="checkbox"/> de metrô sinalização: <input type="checkbox"/> boa <input type="checkbox"/> ruim	com que frequência? 1 2 3 4 5 6 7 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 6 <input type="checkbox"/> 7
CARTOGRAFIA: ANOTAÇÕES: o que é especial sobre este lugar? o ambiente e identidade em quais climas você gosta de ficar aqui? <input checked="" type="checkbox"/> ensolarado <input type="checkbox"/> chuva forte <input checked="" type="checkbox"/> nublado <input type="checkbox"/> ventania <input type="checkbox"/> úmido <input checked="" type="checkbox"/> seco		
RELACIONES COM O ESPAÇO o que você já aprendeu aqui? Fazer musculina se pudesse, o que melhoraria neste lugar? o tamanho do espaço		



APÊNDICE

EXEMPLO DE QUESTIONÁRIO E CARTOGRAFIA PREENCHIDOS

<p>IDADE: _____</p> <p>GÊNERO: <input type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino</p>	<p>CURSO/PROFISSÃO: <u>DESIGN</u></p> <p>ESCOLARIDADE: <input type="checkbox"/> fund. <input type="checkbox"/> completo <input type="checkbox"/> médio <input type="checkbox"/> sup. <input type="checkbox"/> não curso</p>	<p>ONDE ESTUDA/TRABALHA: <u>UNB</u></p> <p>SEMESTRE: <u>12º</u></p>	<p>ID: <u>049</u></p> <p>ENDEREÇO: <u>Café das Águas</u></p> <p>DATA: <u>19/10/14</u></p> <p>TEMPO DE REALIZAÇÃO: <u>30' - 40'</u></p>
<p>ASPECTOS OBJETIVOS</p> <p>para que este espaço foi construído</p> <p>Café = convívio e enquadramento</p> <p>atende bem a estas funções? <input type="checkbox"/> não <input checked="" type="checkbox"/> sim serve para outras atividades? <input type="checkbox"/> não <input checked="" type="checkbox"/> sim adequação do tamanho</p>			
<p>SOCIALIZIDADE</p> <p>uso adequado para</p> <p><input type="checkbox"/> grps. pequenos <input type="checkbox"/> voluntariado <input type="checkbox"/> acessível <input type="checkbox"/> grps. grandes <input type="checkbox"/> pertencimento <input type="checkbox"/> uso à noite <input type="checkbox"/> indivíduos <input type="checkbox"/> novo estudo</p>		<p>COMPORTO E IMAGEM</p> <p>atratividade <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>segurança <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>limpeza <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>poluição visual <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>confortável <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>manutenção <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>obs. <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>	
<p>ACESSIBILIDADE E LIGAÇÕES</p> <p>visibilidade <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>distância <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>acessível <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>atitudes <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>sinatização <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>		<p>MOTIVAÇÃO E HÁBITOS</p> <p>porque você vem aqui?</p> <p><input type="checkbox"/> conversar <input checked="" type="checkbox"/> contemplar <input type="checkbox"/> estudar <input type="checkbox"/> descansar <input type="checkbox"/> fazer trabalhos <input type="checkbox"/> alimentar-se <input type="checkbox"/> fumar?</p> <p>com que frequência? 1 2 3 4 5 6 7 <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p> <p>sobre o que você gosta de conversar aqui? trabalhos, vida, estudos, educação, interesse em si, interesses comuns.</p>	
<p>CARTOGRAFIA: ANOTAÇÕES</p> <p>--- a par do carro --- sentido.</p> <p>☆ = em centro da Eric da pois, de novo tempo.</p> <p>☆ = olhares novos com as migrações de Maria Escobar</p> <p>Ⓢ = boas vistas.</p> <p>Ⓢ = centro coral</p>			
<p>RELAÇÕES COM O ESPAÇO</p> <p>o que é especial sobre este lugar?</p> <p>o sombará é muito gostoso a água em uma marmita CRUCIAL!</p> <p>em quais climas você gosta de ficar aqui? <input type="checkbox"/> ensolarado <input type="checkbox"/> chuva forte <input type="checkbox"/> umido <input type="checkbox"/> nublado <input type="checkbox"/> ventania <input type="checkbox"/> seco</p> <p>o que você já aprendeu aqui? que o homem não foge mais ser usado que é bem não foge mais e ficar pensando na vida que eu consigo ler com facilidade se pudesse, o que melhoraria neste lugar?</p> <p>o "f" não permanece o jogo da cadeira nos "meios" a livreria.</p>			



APÊNDICE

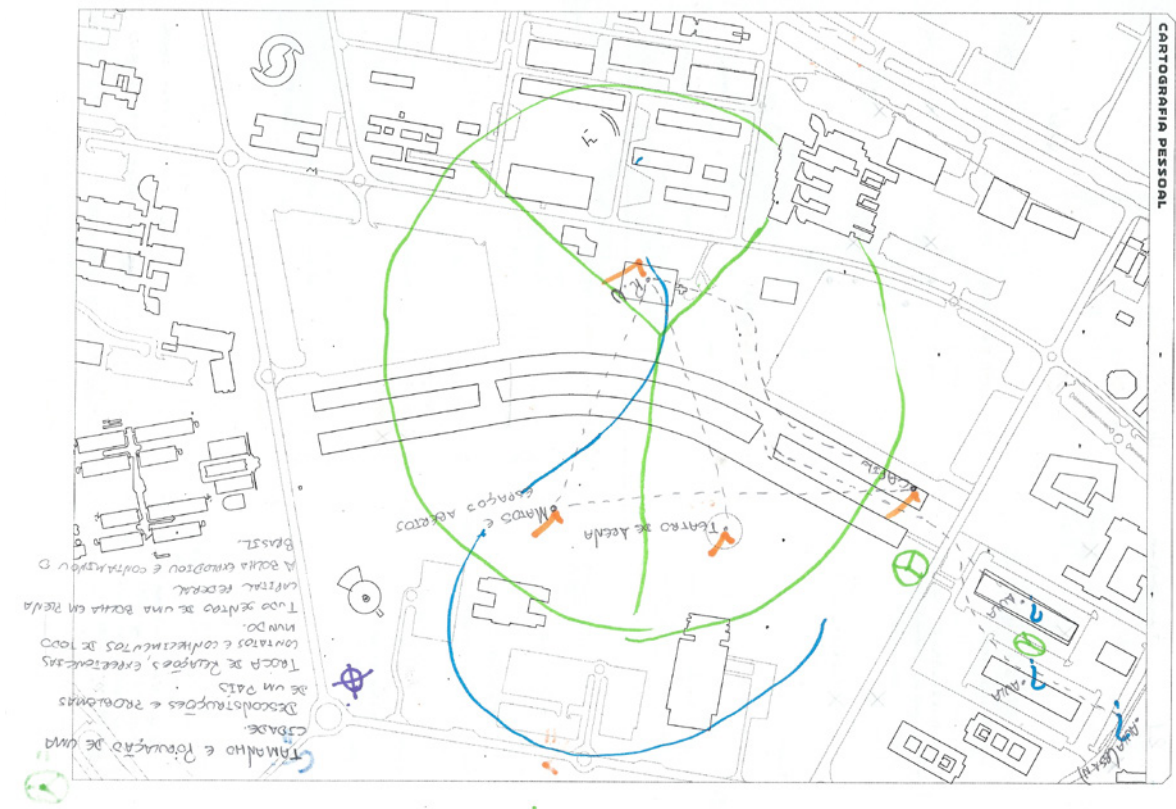
EXEMPLO DE QUESTIONÁRIO E CARTOGRAFIA PREENCHIDOS

IDADE 21	CURSO/REGISTRAÇÃO FUSOSCIATA	UNIVERSIDADE UNIVERSIDADE GRACILINA - UFG	ID 243
SEXO <input checked="" type="checkbox"/> masculino <input type="checkbox"/> feminino	REGIMÃO <input checked="" type="checkbox"/> fund <input type="checkbox"/> médio <input checked="" type="checkbox"/> sup	SEMESTRE 2º	EMPRETECA RU
<input type="checkbox"/> completo <input checked="" type="checkbox"/> incompleto	<input checked="" type="checkbox"/> não cursou	DATA 24/05	TEMPO DE REGULARIZAÇÃO 00

ASPECTOS OBJETIVOS para que este espaço foi construído Para auxiliar e facilitar a pesquisa que o aluno possa realizar a pesquisa atende bem a estas funções? <input type="checkbox"/> não <input checked="" type="checkbox"/> sim serve para outras atividades? <input checked="" type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim adequação do tamanho, localização, iluminação, segurança, etc. Realmente presta os benefícios de ficar.	ASPECTOS SUBJETIVOS MOTIVAÇÃO E HÁBITOS porque você vem aqui? <input checked="" type="checkbox"/> conversar <input checked="" type="checkbox"/> contemplar <input type="checkbox"/> estudar <input type="checkbox"/> descansar <input type="checkbox"/> fazer trabalhos <input checked="" type="checkbox"/> ver vídeos <input type="checkbox"/> alimentar-se <input type="checkbox"/> fumar com que frequência? 1 2 3 4 5 6 7 <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 6 <input checked="" type="checkbox"/> 7 sobre o que você gosta de conversar aqui? Sobre o dia-a-dia, sobre a vida acadêmica, sobre as atividades entre os membros.
---	--

SOCIALIZIDADE uso adequado para <input type="checkbox"/> grps. pequenos <input type="checkbox"/> voluntarismo <input type="checkbox"/> grps. grandes <input type="checkbox"/> pertencimento <input type="checkbox"/> indivíduos <input type="checkbox"/> uso à noite	ACESSIBILIDADE E LIGAÇÕES acessibilidade distância <input type="checkbox"/> boa <input type="checkbox"/> ruim acessível <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não O de ônibus <input type="checkbox"/> não sinalização <input type="checkbox"/> boa <input type="checkbox"/> ruim
---	---

CARTOGRAFIA: ANOTAÇÕES Borralha de Ron Norberto de Azeiteira • Colônias, conversas e meditações nos estírios azeiteira e veredas. • Consegue me ajudar na hora de estudar. • Trabalho de conversa e colheita. • Trabalho de pessoas em movimento. • Trabalho de pessoas em movimento. • Trabalho de pessoas em movimento.	RELACIONES COM O ESPAÇO o que é especial sobre este lugar? Não dá comida de graça! Amizade e amizade pessoas novas em que clima você gosta de ficar aqui? <input type="checkbox"/> ensolarado <input type="checkbox"/> chuva forte <input type="checkbox"/> úmido <input checked="" type="checkbox"/> nublado <input type="checkbox"/> ventania <input type="checkbox"/> seco <input checked="" type="checkbox"/> grama
---	---



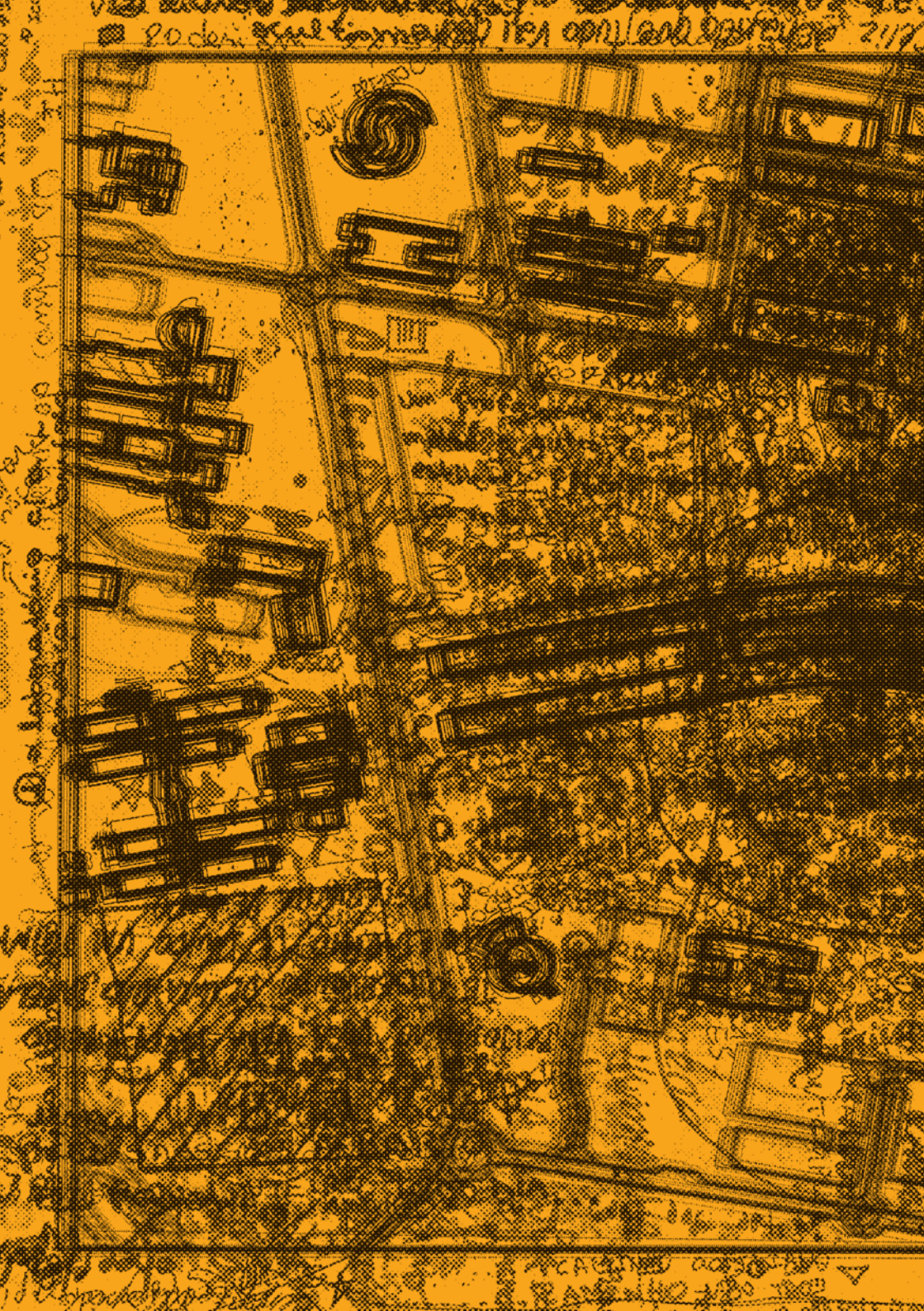


ATLAS DE TERTÚLIAS

15°45'37.5"S
47°52'30.0"W

15°45'37.5"S
47°51'52.5"W





NAVEGAR É PRECISO

→→ POMPEU APUD PESSOA

**CAMPUS UNIVERSITÁRIO
DARCY RIBEIRO**

Na escola aprendi muita coisa importante.
Ácido com base dá sal e água.
Delta é igual ao quadrado de b mais 4 vezes a e c.

E que deveria aprender mais uma incontável série de fórmulas para passar na prova bimestral.

70830-200 70904-107
70910-000 70904-108
70910-900 70904-109
70910-902 70904-110
70910-900 70904-111
70910-970 70904-970
70904-101 70908-021
70904-102 70908-022
70904-103 70919-970
70904-104
70904-105
70904-106

Aprendi a seguir um mapa de sala (mesmo que não houvesse um, decidido e formalizado pelo professor, só pelo conforto de estar todos os dias sentado ao lado dos meus amigos, na metade posterior da sala, segunda fileira depois da parede junto à porta).

Eu achei tudo bem setorizado, senti falta de unicidade, muitos espaços inutilizados, grandes espaços vazios que poderiam contribuir com os alunos mas são verdadeiros desertos.

A minha primeira impressão do espaço da UnB foi de imensidão, tanto física quanto conceitual.

Me senti num novo país, com suas engrenagens próprias, numa espécie de bolha, isolada tanto geograficamente quanto socialmente.

O campus era espaçado, arborizado... Se locomover pela Unb levava tempo, [andar] entre os prédios e as pessoas.

Me lembro de procurar o CESPE com a minha avó para resolver alguma burocracia. Não sabíamos onde ficava e tivemos que rodar muito até achar. Acho que até tinham placas mas tivemos dificuldade. Tinham menos prédios por ali na época.

Eu adorava a sensação de liberdade, de poder fazer o que quiser naquele espaço, ver as pessoas ocupando da forma que queriam, dormindo nas árvores, fazendo trabalho nos corredores, discutindo e fomentando ideias.

Acho que percepções espaciais são as que vêm primeiro na gente, né? Talvez isso esteja ligado de alguma maneira com a evolução da espécie.

Também aprendi algumas coisas por mérito próprio: cochilar e ouvir o professor ao mesmo tempo; maneiras diversas de psicografar as provas; um método infalível de projeção astral, para fugir do confinamento das paredes da sala (me bastava uma folha de papel branca sobre a mesa e um lápis na mão para desatar a rabiscar tudo o que vinha à mente, em fluxo de pensamento).

INSTITUTO CENTRAL DE CIÊNCIAS

E5	G3	EB51	FB41	GB32
F4	G4	EB52	FB42	GB41
F5		FA42	FB51	HA32
		FA51	GA41	HA41
		FA52	GA42	



Há uma rede invisível que nos liga, nos aproxima e nos relaciona uns com os outros. Designios de um deus onipotente, trama tecida pelas parcas ou meras relações socio-econômicas?

IB	BBF	LIP	CIGA
IES	EEA	MAT	CEDIARTE
IE	EEL	PCL	CPAI
IF	CIC	PPB	PESP
IG	BAF	PST	NEUR
IH	DIN	PRO	
IL	EEL	SER	
IP	ECB	SOL	
IQ	EST	TEC	
FAC	EST	TEL	
FAEE	FIL	THA	
FAU	FIF	ZBB	
FAV	GEA		
	GER		
	HIS		
	LET		

♥ ♥ ♥

happy hours

zanzar com os amigos de lado ao outro do minhocão

andar no subsolo sem esbarrar com pseudo-conhecidos

Gente andando prum lado e pro outro todo tempo. A sala da aula de cálculo era ao lado de uma de aula de sociologia... Achei isso ótimo.

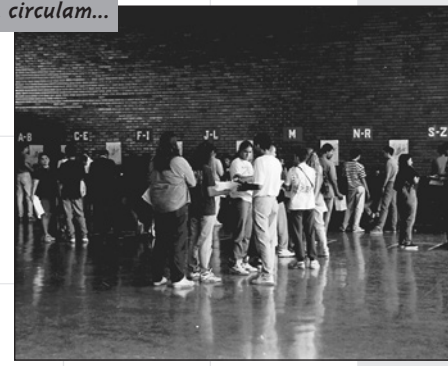
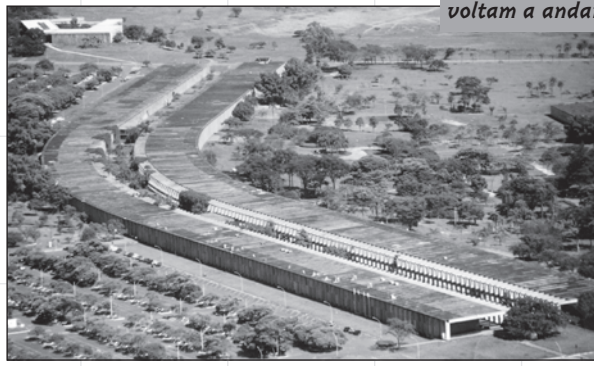
- ALIMENTAÇÃO**
 - Banco do Brasil F4
 - BRB E4
 - Caixa Econômica Federal F5, G4
 - Santander E4, G4
- ESPAÇOS ABERTOS**
 - Concha acústica E3
 - Teatro de arena G4
 - Pça. Chico Mendes E4
 - Pça. da Música F3
 - Pça. Maior G5
- ESPAÇOS CULTURAIS**
 - Auditório da Música F3
 - Espaço Piloto E3
 - Museu de Geociências F4
 - Teatro Helena Barcelos E3
- PONTOS DE ÔNIBUS**



A ideia que eu guardo do campus é de um lugar gostoso de se ficar... Bonito, arejado, onde se estimula o pensar, de certa maneira.

Independente do que seja – e eu mesmo nem saberia definir isso – às vezes sou capaz de enxergá-la. Sentado em um canto, como num vídeo em time-lapse, vejo os fluxos de gente perambulando a universidade. As pessoas andam, param, voltam a andar, circulam...

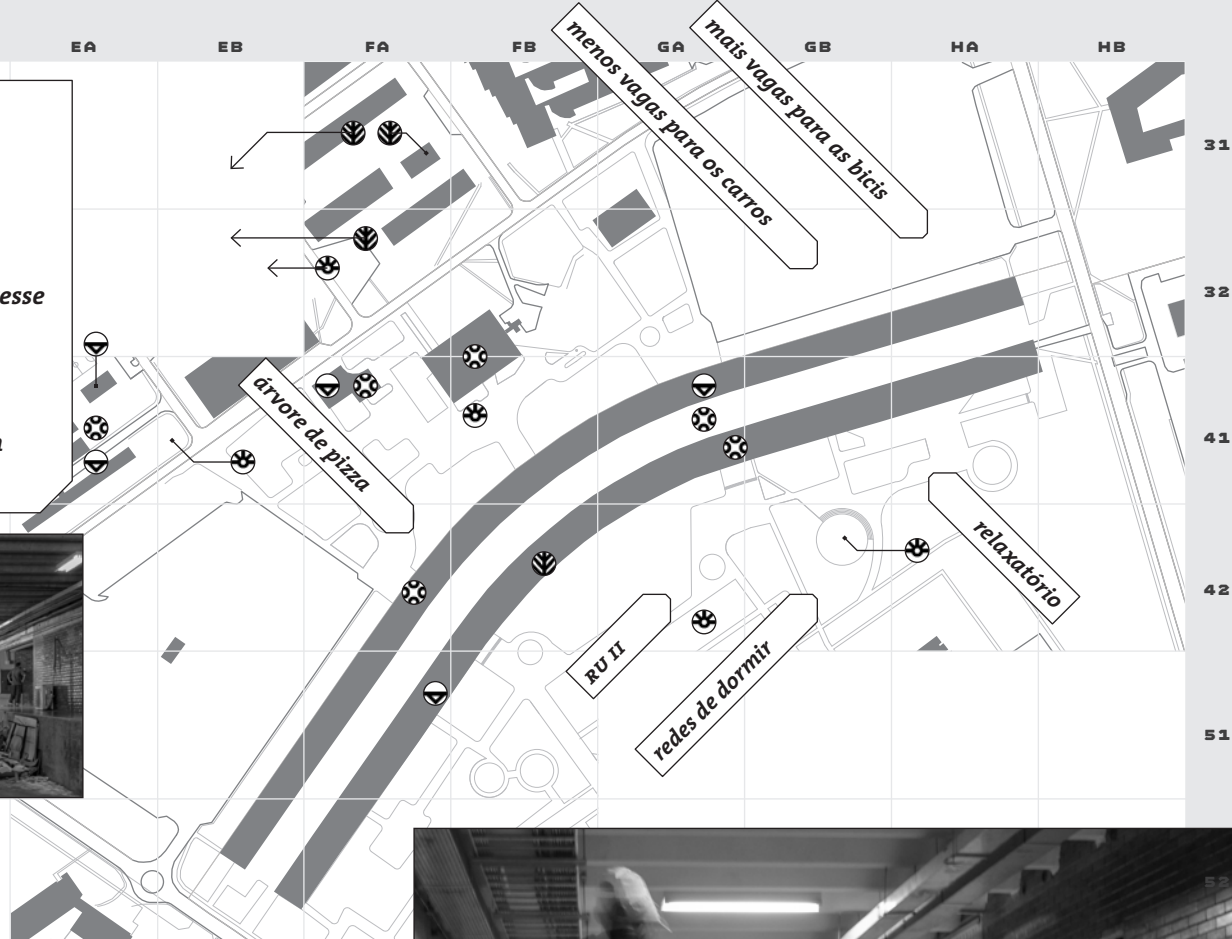
UNB/ARQUIVO CENTRAL



ICC

E5	G3	EB51	FB41	GB32
F4	G4	EB52	FB42	GB41
F5		FA42	FB51	HA32
		FA51	GA41	HA41
		FA52	GA42	

Aqui eu sentia como se eu fosse uma molécula de oxigênio dentro de uma corrente sanguínea e estivesse alimentando alguma célula no cérebro, mesmo, não no rim ou em algum músculo.



AQUI APRENDI

que a UnB não é segura à noite

a estudar sozinha

a não usar os banheiros do mezanino

a não andar sob as calhas dos pombos

chaves que abrem portas são poder

a falar mal do sistema





→→ UNB/ARQUIVO CENTRAL

STICA-URB
CAFÉ DONA PEIDE
SORVETERIA ARAÚJO
GULLA'S
BOMBONIERE POLLYLAU
MIX UNB
BANCA DO GILSON
PAPELARIA ORIENTAL
XEROX DO HERRIQUE

FRANGÃO BURGUR
ELEFANTE BURGUR
FRESHHA DE BOCE DA TIA
UNIBANCA
COPIADORA OCE
PAPELARIA ALA PORTE
LIVRARIA DA URB
LIVRARIA DO CHICO
XEROX-ELEFANTE
STOKINHO LANCHES
SORVETERIA A VIDEIRA
CALORIA CERTA

♡ ♡ ♡
o jardim
um sanduíche que como desde 2008
é o caminho para a biblioteca

💡
a não esquecer de renovar os livros da BCE
grupos de WhatsApp® do trabalho são roubada
a não comer certos salgados...

ALIMENTAÇÃO — 🍷

BANCOS E SERVIÇOS — 🏦

- Banco do Brasil F4, G5
- BRB E4
- Caixa Econômica Federal F5, G4

ESPAÇOS ABERTOS — 🌳

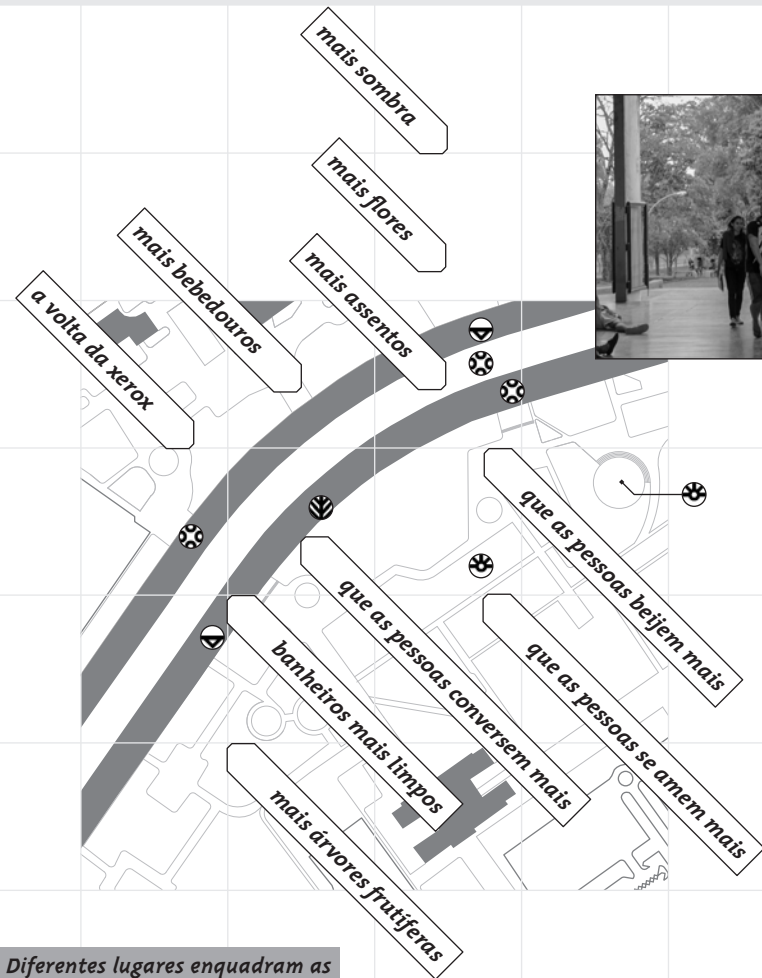
- Teatro de arena G4
- Pça. Maior G5

ESPAÇOS CULTURAIS — 🎨

- Galeria da FAU F4

A melhor tradução entre duas línguas é o beijo

→→ DESCONHECIDO



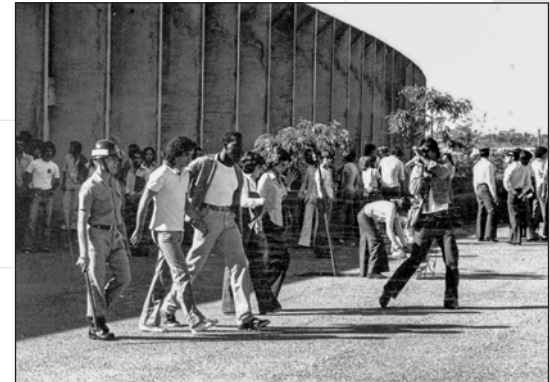
Diferentes lugares enquadram as tramas de diferentes maneiras.

Os corredores do minhocão favorecem o trânsito a pé.

Já as pracinhas privilegiam a permanência das pessoas.

Nos primeiros, os encontros fortuitos acontecem
Os segundos é para onde vamos prolongar a conversa em seguida.

→→ UNB/ARQUIVO CENTRAL



41
42
51
52

Minha universidade parece não ter portas.

O sol da manhã transborda de luz esse espaço.

- SAPINDUS
- SAPONARIA
- STERCULIA
- STRIATA
- STRYPHODENDRON
- ADSTRINGENS
- SYAGRUS
- ROMANZOFFIANA
- TABEBUIA
- AUREA
- TABEBUIA
- ROSEALBA
- TERMINALIA
- ARGENTEA



AQUI APRENDI

- tudo é questão de escala*
- a olhar para a cidade*
- a ser paciente com os mais velhos*
- a enrolar cigarros*
- que para fazer algo, só basta começar*



- todos os meus amigos se reúnem aqui*
- os ateliês virados para a área externa*
- conheci pessoas que pretendo levar para toda a vida*

ALIMENTAÇÃO



BANCOS E SERVIÇOS



Caixa Econômica Federal

G4

ESPAÇOS ABERTOS

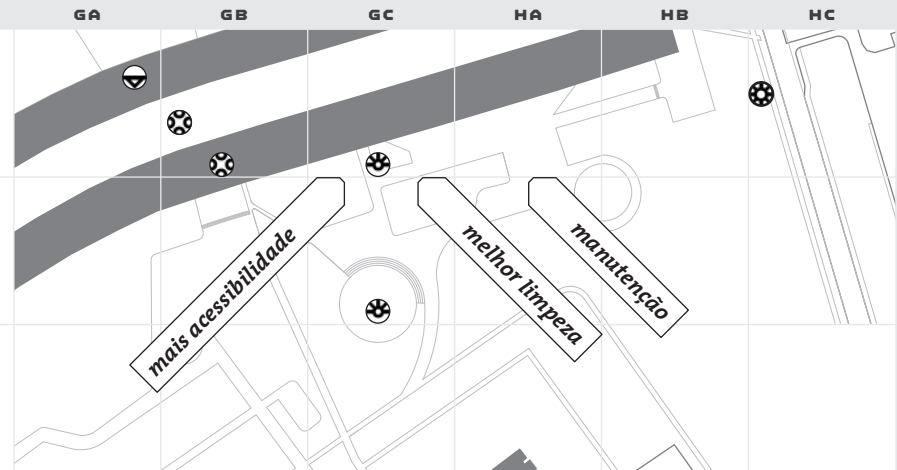


Teatro de arena
Pça. Maior

G4

G5

12 PONTOS DE ÔNIBUS



41

42

43

Na UnB percebi que há um problema quanto à visão dos educadores: senti uma cultura forte de reprovacão ser motivo de orgulho por parte dos professores e um certo terrorismo na forma de transmitir conhecimento.



No térreo, a área interna se mistura com a externa.

Parece até uma pegadinha: afinal, será a sala de aula aqui fora ou aí dentro?



→→ UNB/ARQUIVO CENTRAL

RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO

F4

FB33 FC33
FB41 FC41

12H
ENSOLARADO

→→→ SECOM/UNB



*O melhor assunto
pra se discutir no
RU é o RU.*

- 251 FUNCIONÁRIOS ATIVOS
- 66 → → → COZINHA CENTRAL
- 96 → → → DISTRIBUIÇÃO
- 52 → → → VENDA
- RECEPÇÃO
- ADMINISTRATIVO
- 37 → → → MANUTENÇÃO
- LIMPEZA



→→→ [HTTP://RU.UNB.BR/](http://ru.unb.br/)

ALIMENTAÇÃO ———— ☉

BANCOS E SERVIÇOS ———— ☉
Banco do Brasil F4

ESPAÇOS CULTURAIS ———— ☉

- Auditório da Música F3
- Espaço Piloto E3
- Mus. anatomia humana D6
- Museu de Geociências F4
- Teatro Helena Barcelos E3

14 PONTOS DE ÔNIBUS ———— ☉



os bancos do lado de fora

a arquitetura

me faz conhecer pessoas novas

comida gratuita ou barata

já considero minha primeira casa

*o burburinho incessante das
conversas nos refeitórios*

AQUI APRENDI

a não questionar o cardápio do RU

a não me atrasar o café

a evitar comer proteína de soja

a cuidar da minha alimentação

que nem tudo que tem fila é bom

*que não vemos o tempo passar na
companhia de quem nós gostamos*

*Me disseram que foram os monges
cenobitas que inventaram a comunicação:
após os períodos de isolamento
em seus estudos, eles se juntavam ao redor
das mesas de jantar do monastério
para romper o isolamento
e partilhar o tempo e ideias.*

*Amo esse prédio massivo,
seus seis refeitórios e suas várias longas mesas
me proporcionaram momentos tão gostosos
com meus amigos
(mesmo que a comida
não estivesse bem temperada).*

FA FB FC

opção para viagem

variedade do cardápio

mesas e cadeiras

café durante todo o dia

→→→ UNB/ARQUIVO CENTRAL



→→→ RAFAEL CRAICE

31
32
33
41
42
43

→→ HTTP://PUDINDOCADIN.BLOGSPOT.COM



- AG1
- AG2
- CGA
- DA1
- DA2
- DES1
- DIPLO
- DT
- EDD
- EF
- ERGO
- ESPP
- ESPU
- EXP
- PROCFAB
- FIS
- FOTO
- FOTD&VID
- FLV
- HAT
- ISOC
- INTECO
- MET
- MI
- OMM
- PV1
- PV2
- PV3
- PV4
- PP1
- PP2
- PP3
- PP4
- SISMEC
- TCC1

Eu me sentia muito identificado com as pessoas do campus, com os estudantes, principalmente.

ALIMENTAÇÃO



BANCOS E SERVIÇOS

Caixa Econômica Federal F5, G4
Santander G4

ESPAÇOS ABERTOS

Pça. Maior G5

ESPAÇOS CULTURAIS

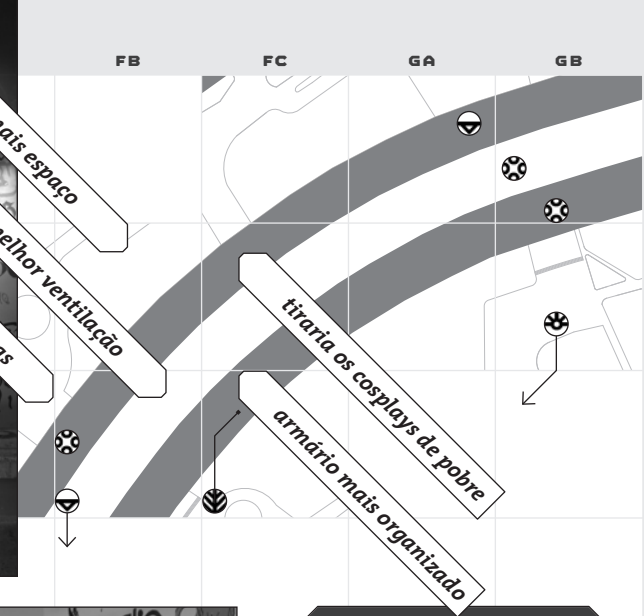
Museu de Geociências F4

16 PONTOS DE ÔNIBUS



**A APRENDIZAGEM É
A ATIVIDADE HUMANA
MENOS NECESSÁRIA
DE MANIPULAÇÃO POR OUTROS.
SUA MAIOR PARTE NÃO É
RESULTADO DA INSTRUÇÃO.
É, ANTES, RESULTADO DE
PARTICIPAÇÃO ABERTA
EM SITUAÇÕES SIGNIFICATIVAS.**

→→ IVAN ILLICH



41

42

43



AQUI APRENDI

caligrafia

fazer mussolini

*dormir em lugares
inusitados*

*como lidar com
professores*

meu novo eu

*como sobreviver ao
mundo universitário*



isolamento aconchegante

amizades que crescem

os desenhos na parede

trocar ideias

*as paredes como
espaço de expressão*

evolução pessoal

*pertencimento e
identificação*



Depois, com o tempo, a ficha vai caindo, e eu fui percebendo os problemas estruturais e também as falácias que as burocracias e as dinâmicas ajudam a construir.

INSTITUTO DE ARTES

E3 F3 EA33 EC32 FA33
EB32 EC33 FB31
EB33 EC41 FB32
EB41 FA32

16H
ENSOLARADO



Nos colocaram em depósitos em nossa própria universidade.

Nossa única saída foi ocupar os arredores do nosso prédio.



as ocupações

laboratórios com a coroação de bufões

a música que sempre ecoa pelo Ida

aqui você pode ser você mesmo

ALIMENTAÇÃO



BANCOS E SERVIÇOS



Banco do Brasil F4, G5
BRB E4
Caixa Econômica Federal F5
Santander E4

ESPAÇOS ABERTOS



Concha acústica E3
Pça. Chico Mendes E4
Pça. da Música F3

ESPAÇOS CULTURAIS



Audatório da Música F3
Espaço Piloto E3
Teatro Helena Barcelos E3

18 PONTOS DE ÔNIBUS



EA EB EC FA FB FC



Porque um instituto de artes precisa ter todas as paredes brancas?

Como uma hidra, para cada parede limpa mais duas serão pintadas.



→→ GABRIELLA LESSA



→→ GABRIELLA LESSA



aqui
as flores nascem
do concreto

→→ COLETIVO TRANSVERSO

AQUI APRENDI

que gameleiras são entidades

a olhar nos olhos

a estar disponível

que música é uma conversa

a me expressar



ALBZIA	CARYOCAR	MYRACRO-	TRIF
NIPOIDES	BRASILIENSE	DRUON	GA
ANNOBA	CEORELA	URUNDEUVA	VAC
CRASSIFLORA	FISSILIS	PACHIRA	FA
APEIBA	COPAIFERA	ADUÁTICA	VOC
TIBORBOU	LANGEORFII	PODCARPUS	TH
APULEIA	DALBERGIA	SELLOWII	VOC
LEIOCARPA	NIGRA	PSEUDOBOMBAX TU	
ASTRONIUM	DIPTERYX	TOMENTOSUM XYL	AR
FRAXINIFO-	ALATA	QUALEA	
LIIUM	EUGENIA	PARVIFLORA	
BAUHINIA	DYSENTERICA	SAPINDUS	
FORTIFICATA	ERIDTHECA	SAPONARIA	
BIXA	PUBESCENS	STERCULIA	
ORELLANA	ERYTHRINA	STRIATA	
	MULUNGU	STRYPHNODEN-	
	GUAZUMA	DRON	
	ULMIFOLIA	ADSTRINGENS	
	GENIPA	SYAGRUS	
	AMERICANA	ROMANZO-	
	HYMENAEA	FIANA	
	COURBARIL	TABEBUIA	
	HYMENAEA	AUREA	
	STIGONO-	TABEBUIA	
	CARPA	ROSEDALB	
		TERMINALIA	
		ARGENTEA	
		TIBOUCHINA	
		CANDOLLEA	

ALIMENTAÇÃO



BANCOS E SERVIÇOS



- Banco do Brasil
- BRB
- Santander

- F4, G5
- E4
- E4

ESPAÇOS ABERTOS



- Concha acústica
- Pça. Chico Mendes
- Pça. da Música

- E3
- E4
- F3

ESPAÇOS CULTURAIS



- Auditório da Música
- Espaço Piloto
- Teatro Helena Barcelos

- F3
- E3
- E3

20 PONTOS DE ÔNIBUS



Viver é passar
de um espaço a outro,
tentando ao máximo
não cair.

→→→ GEORGES PEREC



A ESCOLARIDADE NÃO PROMOVE
NEM A APRENDIZAGEM
E NEM A JUSTIÇA,
PORQUE OS ENVIADOS INSISTEM
EM EMBRULHAR A INSTRUÇÃO
COM DIPLOMAS.

→→ IVAN ILLICH



Trabalhe pela vida e não para os palácios,
cemitérios e museus.
Trabalhe **no meio de todos,**
para todos, e com todos.

→→ ALEKSANDR RODTCHENKO

ALIMENTAÇÃO



BANCOS E SERVIÇOS



Caixa Econômica Federal

G4

ESPAÇOS ABERTOS

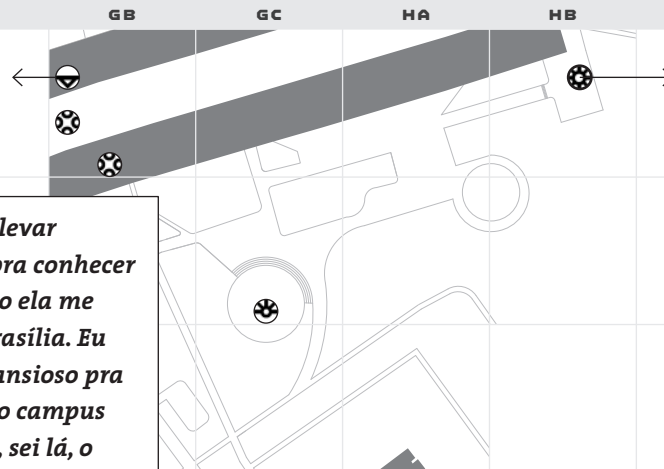


Teatro de arena
Pça. Maior

G4

G5

22 PONTOS DE ÔNIBUS



Eu cheguei a levar
minha mãe pra conhecer
a UnB quando ela me
visitou em Brasília. Eu
estava mais ansioso pra
ela conhecer o campus
que conhecer, sei lá, o
Congresso Nacional.

Entrei na UnB meio sonhadora
e saí mais realista. Não vejo
mais o campus como um local
democrático, por mais que
haja esforços para tal. Mas
ainda é o ponto de encontro
mais propício a fomentar
discussões e viver experiências
que quebram paradigmas



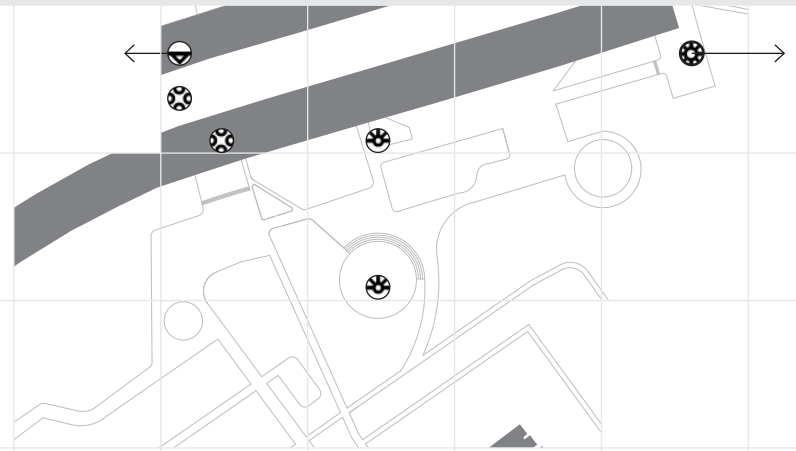
- AQUI APRENDI
- não julgar os outros
 - segurar minha onda
 - interagir com outras pessoas
 - prensar
 - identificar fumos bons
 - se você não corre atrás,
ninguém correrá

- conheci o amor
da minha vida
- o espaço é convidado
para qualquer pessoa
- muito rap toda quarta
- conversas sobre
práticas oraculares



Acho que agora que estou onde estou, eu consigo perceber melhor porque eu tenho saudade da UnB. Acredito que seja porquê lá eu tinha um motivo de vida mais claro, uma meta, sabe?

Hoje vejo a UnB como um dos meus lugares favoritos da cidade: há vida, troca, circulação, mas também silêncio e contemplação — o que me possibilita acessar ao mesmo tempo momentos de familiaridade/nostalgia com outros de estranhamento/curiosidade.



41

42

43

→→→ MUROS DA SORBONNE

a política acontece nas ruas,

não

nas urnas



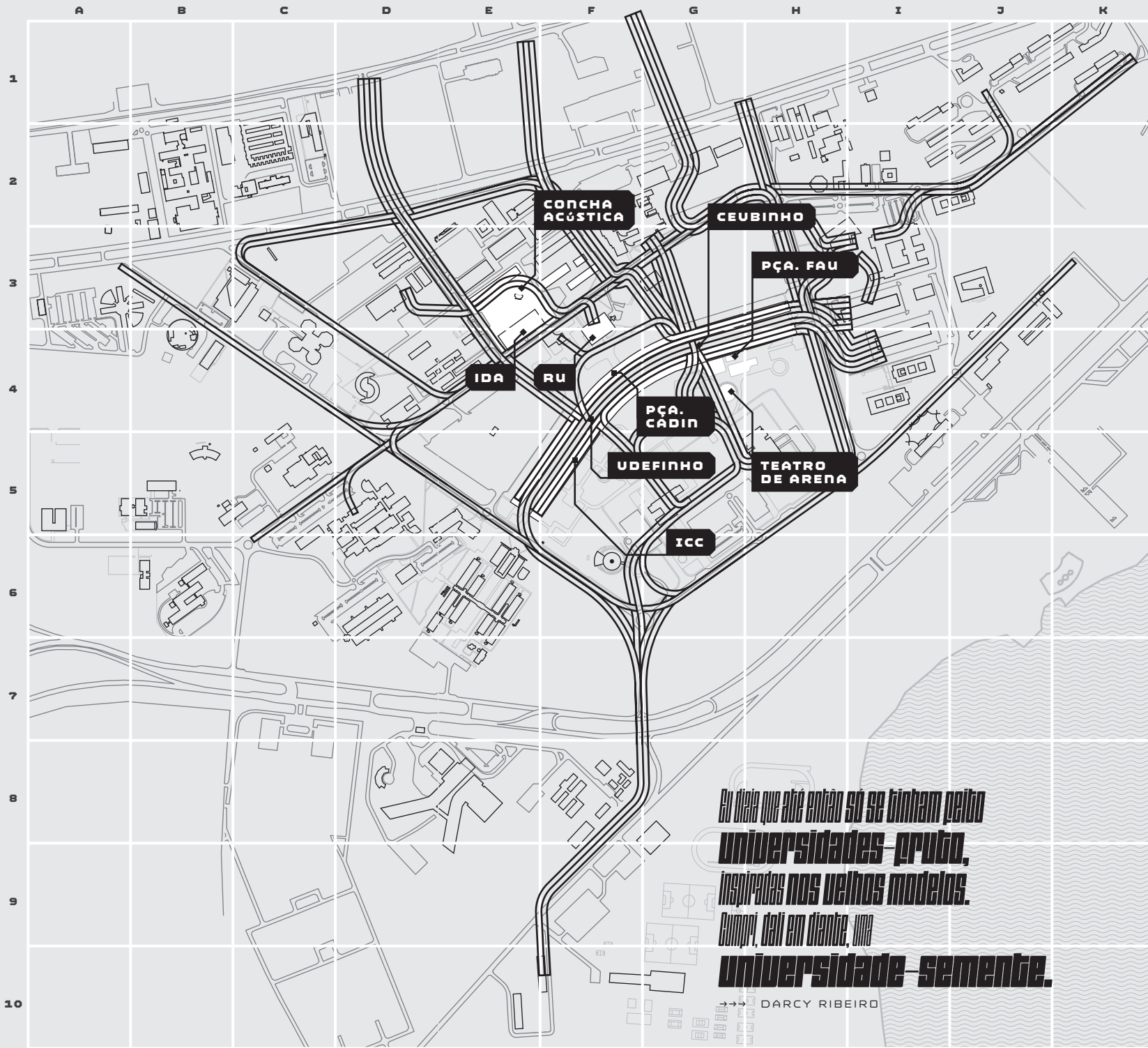
ÍNDICE

TERTÚLIA
S.F. (1847-1881)

- 1→→AGRUPAMENTO, REUNIÃO DE PARENTES OU AMIGOS
- 2→→PALESTRA LITERÁRIA
- 3→→PEQUENA AGREGAÇÃO LITERÁRIA, MENOR DO QUE AS ACADEMIAS E ARCÁDIAS

ETIM ESP. TERTULIA 'REUNIÃO DE GENTE PARA DISCUTIR E CONVERSAR'

TERTÚLIAS	
Campus universitário	P. 4
ICC	P. 8
Udefinho	P. 12
Ceubinho	P. 12
Pça. da FAU	P. 14
Restaurante universitário	P. 16
Pça. do CADIN	P. 18
Instituto de Artes	P. 20
Concha acústica	P. 22
Teatro de arena	P. 24



*Eu dizia que até então só se tinham feito
**universidades-ruído,
inspiradas nos velhos modelos.
Cumprí, dali em diante, uma
universidade-semente.***

→→→ DARCY RIBEIRO

alimento os pássaros imaginários

→→ COLETIVO TRANSVERSO

AGRADECIMENTOS

Realizar este fanzine foi possível graças à colaboração, à inspiração e ao suporte de incontáveis amigos, familiares e professores.

Deixo aqui um obrigado especial ao tio Marcos, mamãe, Rogério Camara, Nayara Moreno, Raquel Imanishi, Fátima Aparecida, Célia Matsunaga,

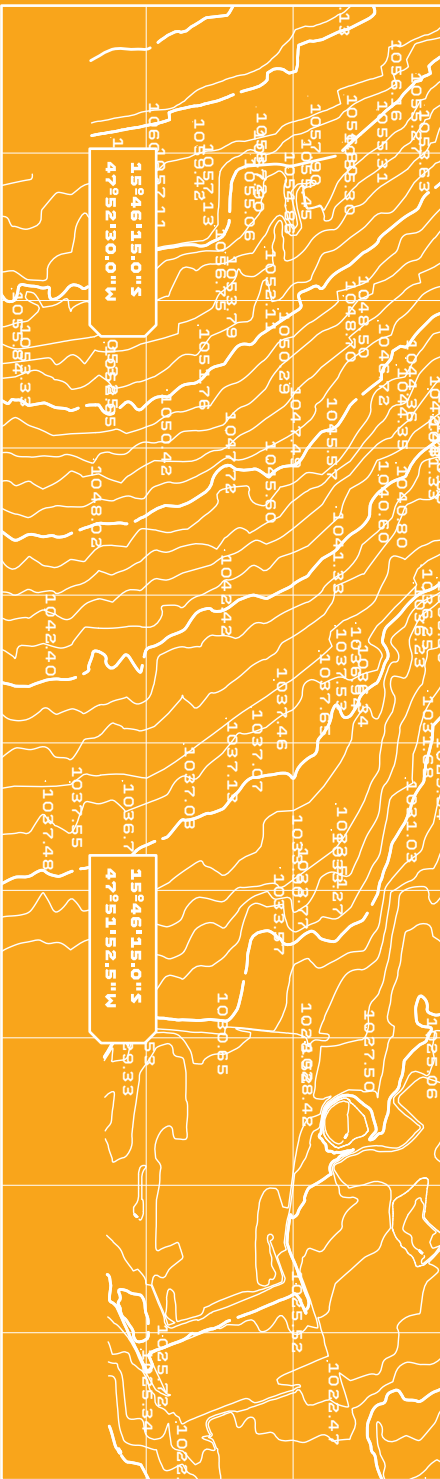
Gabriel Menezes, Ana Clara Daher, Ariadne Hamamoto, Neno Sobrinho, Akemi Kanegusuku, minha irmã Thainá e todos aqueles que participaram das entrevistas e questionários feitos durante a minha pesquisa.

A todos vocês, minha gratidão eterna.

A todos os mestres dentro e fora de sala.

ATLAS DE TERTÚLIAS
→→ LUÁ LEÃO 2018





$15^{\circ}46'15.0''\text{S}$
 $47^{\circ}52'30.0''\text{W}$

$15^{\circ}46'15.0''\text{S}$
 $47^{\circ}51'52.5''\text{W}$